



Adriana Moura . Ana Cristina Teixeira . Ana Lisboa .
Ana Luiza Mello . Ana Morche . Ana Pose . Ana Schieck .
Anderson Tibau . Andres Papa . Augusto Herkenhoff . Bahie Banchik .
Benedito Neves Jr . Benjamin Rothstein . Carmen Bello . Celia Gimenez . Celina Nollí . Celso Adolfo .
Cesar Coelho Gomes . Cesar Paes Barreto . Chica Granchi . Clarice Pellegrino . Claudia Watkins .
Daniela Veronesi . Débora Steinhaus . Deneir . Denize Torbes . Dirce Fett . Dora Portugal . Dulce Lysyj .
Edineusa Bezerril . Edwiges Barros . Elaine Fontes . Eliane Carrapateira . Elis Pinto . Fernando Brum . Gardenia Lago .
Gina Castelo Branco . Gloria Conforto . Graça Pizá . Helena Wassersten . Hortensia Pecogueiro . Ilda Fuchshuber Falacio .
Isabela Bentes . Isabella Marinho . Isis Braga . Jaci Castro . Jarbas Paullous . Joel Gama . Jorge Cerqueira . Judite Alice . Lando Faria .
Leila Bokel . Lena Tejo . Lennart . Lenn Cavalcanti . Let Cotrim . Lia do Rio . Liana Gonzalez . Liane Briand . Lizete Zem . Lu Guedes .
Luciane Villanova . Lucia Lyra . Manduca Simões . Marcelo Veiga . Marcia Clayton . Maria Cecilia Leão . Maria Perdigão .
Maria Veronica Martins . Mariana Campos . Marta Bonimond . Mauricio Tassi Teixeira . Mauricio Theo . Mayra Rodrigues . Miro PS .
Morgana Souto Maior . Nilton Pinho . Noemi Ribeiro . Paloma Carvalho . Patricia Burrowes . Salazar Figueiredo . Regina Moura .
Robinson Oliveira . Rosangela Lucena . Rosangela Soares Pinto . Rose Aguiar . Rose Nobre . Rosi Baetas . Sandra Felzen .
Simone Trombini . Sissi Kleuser . Sonia Guaraldi . Sonia Xavier . Tania Andrade . Tavinho Paes . Teresinha Mazzei . Uliara Bartira .
Vania Beatriz . VeraLu . Vicente Duque Estrada . Walkyria Proença . Zeka Araujo .

ZAGUT

Abertura

10 dezembro às 19h
2020

Exposição

virtual permanente
www.espacozagut.com

Shopping Cassino Atlântico
Av. Atlântica 4240 - loja 315
Copacabana - Rio de Janeiro
Brasil

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

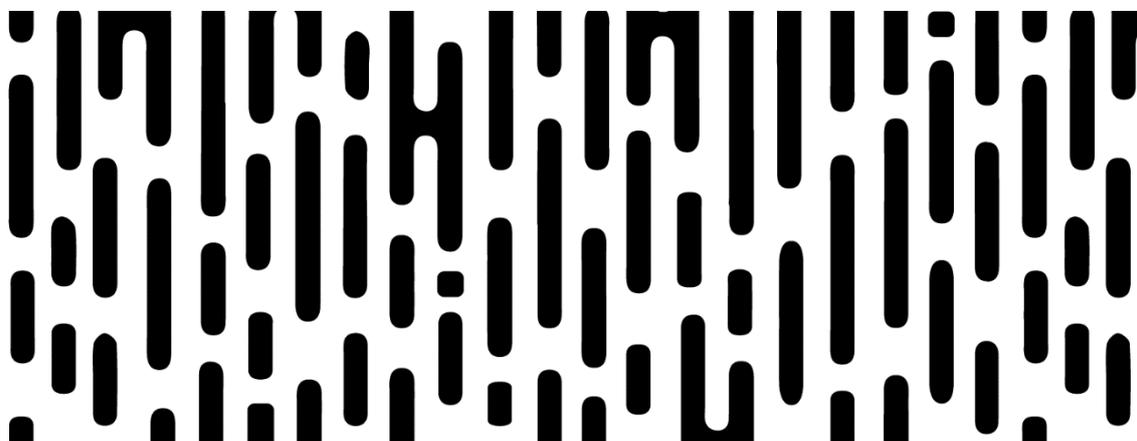
Ensaio crítico: Carlos Taveira

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



HOMENAGEM A CLARICE LISPECTOR – ZAGUT

A comemoração é do centenário do nascimento da escritora Clarice Lispector. E faleceu há mais de 40 anos. Ou seja, durante seus 57 anos de vida plantou muito...deu o que falar, deixou uma legião de fãs de carteirinha. Muito se escreveu, se falou, sobre a artista.

Ela também falou, em seus livros e entrevistas. E que voz! Voz que fala de situações incrivelmente atuais de vulnerabilidades diversas, como a da nordestina que vai para a cidade grande com uma formação ruim e arruma um emprego ruim, que ela referiu como “uma inocência pisada, de uma miséria anônima”. Ou a violência policial que precisa da “prepotência”, como disse Clarice, de treze balas para matar o Mineirinho. Se revolta com a falta de oportunidade para jovens entrar na universidade. Empatia com o íntimo de situações entre casais, familiares, idosos. E sobre Brasília, suas impressões também continuam atuais: “Os ratos adoram a cidade. Qual será a comida deles? Ah, já sei: eles comem carne humana”.

Clarice dizia que a frase nascia. Esta exposição também nasceu assim. A ideia de Tavinho Paes, já em cima da hora. E uma adesão em massa dos artistas. Trabalhos que falam de um sem fim de situações que remetem à autora. Ela comentava que algumas das estórias se comunicavam com o eu do artista, não tinha como se esconder: “não são, creio, propriamente crônicas, mas agora entendo os nossos melhores cronistas. Porque eles assinam, não conseguem escapar de se revelar. Até certo ponto nós os conhecemos intimamente. E quanto a mim, isto me desagradava. Na literatura de livros permaneço anônima e discreta. Nesta coluna estou de algum modo me dando a conhecer. Perco minha intimidade secreta? Mas que fazer? É que escrevo ao correr da máquina e, quando vejo, revelei certa parte minha.” Com as obras ocorre o mesmo, cada um mostra um pouco como a autora os tocou.

Teve bastante ligação com as artes plásticas, desde amizades como a de Maria Bonomi, ter sido retratada entre outros por de Chirico, assim como realizou algumas poucas telas. E usou essa interdisciplinaridade em alguns títulos...”Abstrato e figurativo”, “Desenhando um menino”, “Esboço de um guarda-roupa”, “Estilo”.

A escritora afirmara: “Entender é entrar em contato...Escrevo muito simples”. E seu último bilhete, escrito no Hospital da Lagoa em 77, dias antes de seu falecimento (um dia antes de seu aniversário), quando não tinha exata noção de seu quadro clínico, mas deixa claro que tinha exata noção de toda sua humanidade:

“Minha alma tem o peso da luz
Tem o peso da música
Tem o peso da palavra não dita, prestes quem sabe a ser dita
Tem o peso de uma lembrança
Tem o peso de uma saudade
Tem o peso de um olhar
Pesa como pesa uma ausência
E a lagrima que não se chorou
Tem o imaterial peso da solidão no meio de outros.”

Nascida Haia (ou vida) e rebatizada ao chegar ao Brasil como Clarice (ou brilhante, iluminada), referia que não entendia bem seu conto “O ovo e a galinha”...”Entender é a prova do erro...Ele é um dom. – O ovo é invisível a olho nu. De ovo a ovo chega-se a Deus, que é invisível a olho nu.” Assim ilumina com suas palavras as reflexões dos outros mortais. E se a mesma também referiu “O benefício maior do santo é para com ele mesmo”, quanto mais reflexões provocou nos outros, mais provocou em si mesma, gerando todo esse tesouro para nós.

Referências:

<https://claricelispectorims.com.br/blog/>

<https://claricelispectorclarice.blogspot.com/>

Entrevista com Clarice Lispector para Júlio Lerner - 1977 – programa Panorama na TV Cultura: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU>

Uma escrita da incerteza

Carlos Vinicius da Silva Taveira

Mestre em teoria da história pela PUC-Rio e doutor em Literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-Rio.

“Não fiz concessões”

Entrevista à TV Cultura em 1977.

Introdução:

Do latim *saeculum*, e do português arcaico *ceculo*, a palavra *século* no nosso idioma designa uma duração de tempo de cem anos. Em 2020 essa medição possui uma peculiaridade que pode ser aplicada ao aniversário de nascimento da escritora ucraniana, mas que foi brasileira por vivência e naturalização, Chaya Pinkhsovna Lispector, ou simplesmente, Clarice Lispector que veio ao mundo em 10.12.1920. Neste ano comemoraríamos o centenário de vida de uma das maiores escritoras do século XX e que nos deixou no ano de 1977, vítima de um câncer que descobriu tardiamente. Esse catálogo pretende ser uma homenagem e, também, um reconhecimento de como a artista foi e ainda é inspiração para diversos trabalhos na contemporaneidade que envolvem os mais distintos suportes.

De início e antes de mergulhar brevemente nas próximas páginas a pequenos fragmentos da obra de Clarice, agradeço novamente o convite para escrita desse texto feito pela galeria Zagut nos nomes de Isabela Simões e Augusto Herkenhoff e, desde já, parabênzo, aos artistas presentes nesse catálogo pelos inspiradores trabalhos adiante e que exploram facetas do enigma que é a artista Clarice Lispector.

Nas palavras a seguir pretendo fazer um breve esboço sobre a visão de arte de Clarice Lispector tendo como base alguns pontos de suas obras e de sua vida. Como segundo objetivo pretendo explorar a perspectiva e sensibilidade, presentes em algumas de suas obras literárias e em algumas artes em outros suportes, como em textos jornalísticos, ou mesmo, em pinturas realizadas no decorrer dos anos setenta.

Dito este pequeno preâmbulo e já concordando com o argumento da artista que inventou e usou as linguagens aos seus próprios modos, penso que caberia filiar esse texto a uma ordem do ensaio, do que em uma tentativa de propor uma explicação fechada do fenômeno Clariceano.

Uma escrita que sente.

Na famosa entrevista de 1977 de pouco menos que trinta minutos para a TV Cultura, Clarice Lispector cita fragmentos de como é seu processo de escrita, e um deles surge quando menciona que “vegeta” enquanto termina um livro e começa outro. Em outro momento quando responde à pergunta do porque ainda escreve, ela pronuncia uma resposta direta e objetiva “que não sabe” para depois complementar com um “para desabrochar”.

No cenário da entrevista, Clarice Lispector aparece confortável e concisa, sentada de forma ereta em uma poltrona e com um tom de voz confiante e preciso e que parece contrastar em alguns momentos com respostas evasivas como “isso é um segredo”, ou mesmo, quando fala do segredo que é escrever.

Mas, digo “parece”, e afirmo que Clarice que está apresentando uma de suas melhores faces que é o de pesquisar e explorar os limites do que conhece e também desconhece, sabendo seus limites e bordas, e procurando ir além em um caminho repleto de incertezas e dúvidas, como toda dimensão da existência humana e até mesmo inumana.

Pode ser observada uma perspicácia na montagem das perguntas por parte do entrevistador, o jornalista Jaime Lerner, que buscou a construção de enunciados, a partir das respostas emitidas pela artista e aparece como uma potente voz de fundo, com câmera mantendo todo o foco em Clarice, ora aproximando, ora se distanciando. Existe todo um esforço para se aprofundar no mistério chamado Clarice que está diante do jornalista, que em cada camada descoberta, abre-se o caminho para um mundo novo de investigação. A proximidade física entre entrevistador e entrevistada é visível, porém existem profundezas que separam os corpos. Um desafio labiríntico, em que de um lado, podemos ver o jornalista, e de outro, a própria Clarice, mergulhando em si própria em busca de respostas para as inquiuições.

De gestos contidos, em que os olhos de Clarice se desviam em alguns poucos instantes para outras direções, e com pequenas movimentações corporais como acender um cigarro ou movimentar os braços ou os pés sutilmente, a imagem de controle da artista contrasta com a intensidade de suas palavras. São respostas objetivas e diretas. Em outras palavras, apesar da contenção corporal, Clarice Lispector, mergulha em uma introspecção e nos seus mais recônditos espaços do ser e que por alguns milésimos de segundos vemos materializados em suas respostas, que são mais pistas, do que uma cartografia completa.

Essa entrevista é um estímulo, e ao mesmo tempo um aviso de cuidado que devemos ter com a forma que estabelecemos uma troca com Clarice Lispector. Nada é o que parece, ou que pensamos entender superficialmente. Trata-se de uma artista que não cabe em determinados compartimentos e rótulos de tentar explicá-la pelo racional. Até mesmo a operação de buscar uma explicação, ou seja, levar com que nossa razão dê conta de toda uma profundidade infundável deve ser deixada de fora, e isso pode ser percebido no seu uso peculiar destinado ao papel da escrita.

Clarice e uma escrita infinita.

Desde que o ocidente passou pelo período do Renascimento no século XIV e o retorno de forma emulativa no uso da razão da antiguidade, foi construído toda um sistema de percepção do mundo em que o discurso racional deveria explicar toda a realidade em suas mínimas nuances. Isso não significou o abandono das características subjetivas dos indivíduos, mas sim, uma valorização do que a razão seria capaz de expor como uma verdade absoluta e suprema capaz de ser estável.

Do ponto de vista da linguagem, isso significou que os signos deveriam ter uma estabilização com seus significados. Uma palavra deveria convergir com o que estava escrito no dicionário em uma espécie de pacto firmado somente por uma crença na lógica filosófica. O resultado altamente limitador para o universo das artes e da compreensão do ser humano que essa operação realizou foi uma doutrina em que a palavra que costumeiramente usamos no cotidiano foi considerada um sistema seguro de se relacionar com o real.

Somente no século XVIII com o romantismo e, sobretudo, no século XX com a fissura aberta por Freud e pelo pós-modernismo, que os estudos sobre as fragilidades da linguagem ganham espaço. A explicação pelo racional e o uso da linguagem como um instrumento permanente e, por isso, portadora da capacidade de descritividade, foi solapada pelo entendimento, usos e trocas com as artes. Entre as dimensões do fazer artístico estava no cerne, o papel de produzir linguagens e, conseqüentemente, criar realidades viraria um motor da arte contemporânea.

Dito isto, Clarice, é um dos exemplos em que podemos posicionar como uma escrita incerta e contemporânea, nas quais, os limites da linguagem são constantemente provocados e tocados. A linguagem não é mais utilizada como algo em sua total certeza. A instabilidade se torna a regra, ou como ela pronuncia na entrevista “é tudo incerto”.

Isso torna Clarice uma artista que exige que desativemos algumas características de nossa subjetividade, e que corajosamente nos abramos para um universo com suas próprias regras em que a racionalização deve dar lugar à sensibilização. Em outras palavras, ao lermos Clarice estamos entrando em uma experiência estética complexa e única. Não é algo que podemos posicionar em categorias preconcebidas, mas um acontecimento capaz de provocar deslocamentos, sensações e sentidos.

Podemos notar esse detalhe em seu livro mais conhecido “*A paixão segundo GH*” onde acompanhamos o mergulho profundo na interioridade da personagem que se desfigura mediante algo que poderíamos considerar como banal, que é um encontro com um inseto em parte da nossa casa. A personagem GH, uma artista escultora, da qual sabemos pouco de suas características sociais e formais que são apresentadas brevemente no início para reconhecermos como pertencente de determinada camada social, mas que é explorada por Clarice por outras similitudes.

Clarice Lispector vai além do que consideramos o papel do artista tradicional e isso fica perceptível na obra. A escultora de profissão protagonista de nome abreviado GH se perde dentro de si mesma. Ironicamente, o ramo das artes, no caso a escultura, que geralmente produz obras artísticas com uma durabilidade maior da forma produzida, se pensarmos em materiais como mármore, bronze e ferro como elementos de composição, mas que em Clarice isso não é suficiente e capaz de produzir uma forma de seu interior.

Isso remete ao famoso artigo do antropólogo brasileiro Viveiros de Castro “*Sobre o mármore e a murta: a inconstância da alma selvagem*” baseado em uma carta do período colonial do padre jesuíta Antônio Vieira enviada à sede da ordem da Europa. No texto fica perceptível o desespero na falha do processo de catequização dos índios, em que o principal problema é possuírem uma alma em forma semelhante como a uma estátua de murta que precisa ser cortada e constantemente ser refeita para manter seu desenho, em comparação a uma alma como metáfora de uma estátua de mármore, da qual, uma vez colocada em forma, esta permanece até seu fim. O “selvagem” não poderia ser enquadrado em uma categoria formal e simplista, mas em um processo de movimentação constante.

Não existe uma durabilidade em Clarice, mas podemos destacar sua intensidade na escrita. São livros em que a tradicional posição do leitor, lendo de forma tranquila e controlada, às vezes deitado, ou em uma configuração corporal serena e plácida é modificada para um conjunto de inquietações e

atravessamentos afetivos, alguns não agradáveis. São frases que se articulam uma às outras criando uma teia de conexão peculiar, em que a linearidade e a certeza são substituídas por um tempo ligadas à percepção e a incerteza que reina como uma deusa soberana nos seus escritos.

Cada parágrafo é único e contraditório em seu microcosmo. Uma frase apresentada pode ser seguida de uma outra que a negue, ou de uma pergunta em que o leitor é convocado para participar sem saber como se posicionar, ou mesmo uma exclamação que inverta totalmente o seu sentido e que quebre algumas expectativas. São caminhos múltiplos. O inesperado é sempre um companheiro de percurso, e o desvio, um imperativo que move cada acontecimento.

Dito isto, é interessante observarmos como a noção de acontecimento é uma presença constante em Clarice. No livro *“Um aprendizado ou o livro dos prazeres”* todo o conteúdo escrito é colocado entre apenas dois símbolos ortográficos, iniciando com uma vírgula e terminando com dois pontos. No próprio livro citado anteriormente, *“A Paixão segundo GH”*, toda a narrativa ocorre entre dois travessões, um no início e outro no fim. Não existe uma preocupação em comportar a narrativa em um padrão de começo, meio e término. Tudo se desenvolve como se surgisse em determinado momento, e que se desenvolvesse conforme sua própria dinâmica.

Isso implica dizer que não importa a origem, ou que veio antes da narrativa, mas o que ela pode causar, os seus efeitos. Não é necessário apresentar uma origem, ou um destino. O posicionamento dentro de uma escala de tempo é abandonado. O passado pode ser algo ainda no presente, algo que não passou definitivamente, e que os protagonistas ainda têm resquícios, mas com a manutenção de que o presente é sempre o mais importante. São personagens que estão produzindo presença ou exigindo que seu corpo esteja em algum processo em que as desinências de tempo não operem, ou mesmo sejam definidoras para a narrativa.

Escrever é um risco e ao mesmo tempo uma necessidade para Clarice. Retomando a entrevista da TV cultura, ela não se definiu como uma escritora profissional e prefere ser considerada uma amadora. Fugir do compromisso da escrita como profissão foi uma espécie de contrato com a liberdade, sobretudo, para uma atividade considerada essencial pela artista. Na mesma entrevista ela assume que “vegeta” enquanto não está escrevendo, ou seja, metaforicamente perde parte do seu sentido de existência.

O método da escrita.

Seria um sacrilégio pensar em um método de produção artística em Clarice Lispector. Um modo fechado capaz de dar conta de toda a intensidade que a artista passa. O que podemos fazer é hipotetizar algumas questões como os limites tocados pela artista e seu impacto do ponto de vista dos afetos. A escrita foi o principal meio de expressão utilizada, entretando devemos chamar atenção para a diversidade da escrita, e também a exploração em outros suportes, como a pintura realizada principalmente nos anos setenta.

A relação com as artes visuais é algo antigo na vida de Clarice Lispector, que manteve contato com artistas internacionais desde os anos quarenta, sendo

inclusive, retratada por alguns como no caso de Giorgio Chirico. Ela foi responsável no decorrer de sua vida pela tradução de breves textos que abordam as artes visuais. Porém, o livro em que mais dedica palavras às artes visuais é “*Água viva*”, publicado em 1973.

O texto é um híbrido de escritas e podemos observar uma relação com o texto jornalístico, com a crônica, ou mesmo com a poesia, entre outros grupos textuais. Trata-se de um experimentalismo que busca os limites e as possíveis trocas entre as linguagens. É um exercício em forma de fluxo, em que é notável uma busca por uma materialidade da linguagem singular, capaz de chegar às bordas do corpo em si.

O enredo de “*Água viva*” é difícil de ser relatado em poucas palavras, contudo genericamente podemos apontar como protagonizado por uma jovem personagem pintora que versa por inúmeros pontos de discussão como vida, arte, entre outros. Segundo a pesquisadora Solange Ribeiro de Oliveira, é possível aproximarmos “*Água viva*” de uma escrita abstrata. Nas palavras dela:

“Em *Água viva*, a voz autoral adverte: “estou te falando em abstrato” A afirmação é compatível com o romance. Desprovido de referências à realidade ficcional, consiste em observações, registros de sentimentos, percepções, sensações, reflexões metafísicas, realidades só apreensíveis pelas antenas dos mais sensíveis. O texto é totalmente compatível com o grande tema que ronda a obra de Clarice: a busca da “coisa em si”, embuçada sob o véu das aparências. Para tentar essa busca, a autora teve de lidar com a ausência de constituintes convencionais da prosa de ficção: narrador, personagens, enredo. Ela o fez a seu jeito, discutindo esses elementos, prometendo-os, às vezes, negaceando-os, outras, sem jamais entregá-los. Não que a literatura abstrata, ou o abstracionismo visual, possa prescindir de uma configuração formal. No romance, a forma subjaz ao chamado pensar fantasioso, “pensar-sentir”, apoiado em séries de imagens afins, que, articuladas, estruturam a obra, e apontam para as questões metafísicas comuns a toda a ficção clariceana.”¹

Existe um “pensar-sentir” e simultaneamente, uma produção visual de Clarice Lispector em quadros que pode ser explorada em alguns pontos de contato da escrita e da comunicação visual. Estima-se que foram pintadas cerca de vinte e duas telas pela artista no decorrer dos anos setenta. A maioria possui signos reconhecidos, e a potência das cores e formas fluidas são as características que mais chamam atenção e que sequestram nosso olhar de início.

A pintura surge como outro mistério em que Clarice Lispector transbordou. Uma poética da escrita que a artista já havia personificado na sua maneira, subvertendo a língua e valorizando a semântica, em prol da sintaxe. A pintura por outro lado e com outros suportes que não a palavra, segue na mesma

¹ RIBEIRO, Solange Literatura e pintura abstrata: *Água viva* de Clarice Lispector, disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/12286> e acessado em 02.12.2020.

direção, explorando o visual, em prol do visível. As cores são intensas e as pinceladas são largas, mostrando um vigor e força em cada aplicação de tinta.

Por fim se a expressão latina dita por Horácio “ut pictura poesis” significa “como a pintura é a poesia”, o livro “*Água viva*” pode ser um exemplo de como os universos da poesia, ou da escrita, se encontram e dialogam com a pintura.

Conclusão:

Realizar uma “conclusão” sobre uma artista que via no fluxo, no incompleto e no fragmento a principal razão para sua produção artística parece ser um contra-senso. Nesse texto em que procuro seguir uma linha próxima do ensaio, busquei uma forma de escrita que pudesse dialogar com uma das maiores escritoras mundiais e que via a linguagem como algo totalmente instável.

Dessa instabilidade, ou impossibilidade de segurança é que nasce a fagulha do processo criativo. Se não temos palavras, gestos, músicas e outros para vivermos, podemos simplesmente inventá-las. Nas próximas páginas observaremos como a arte pode se inspirar, e como Clarice que completaria cem anos se estivesse viva no próximo dia 10.12.2020 e que rompeu a morte se tornando imortal, e referência na arte.

Bibliografia

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem:** e outros ensaios de antropologia. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva.** 7.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** 14 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. 98 p. ISBN 8525602719 : (broch.).

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo GH :** romance /. 13a ed. -. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1989.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem, ou, O livro dos prazeres :** romance /. 14a ed. -. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1987

MOSER, Benjamin. **Clarice,.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SANTOS, Roberto Corrêa dos; BRAIT, Beth. **Clarice Lispector.** São Paulo: Atual, 1986.

MIRANDA, Ana Augusta Wanderley Rodrigues de. O indizível: uma leitura em interface com a psicanálise em Clarice Lispector. Vitória: EDUFES, 2012.

Jaci Castro

Um canto que ficou

Entre sonhos e desventuras

seu canto nos iluminou

tinha um colorido infinito

com gamas de luz

e de trevas.

As mensagens únicas

que só você, Clarice,

nos ofertou.

E o mundo continua

levando o eco desse canto

que ficou.

Clarice Lispector

Se mentes colorisse

seria, claro, Clarice

Claridade é aspecto

inerente a Lispector

Lês perto da

hora da estrela

Adriana Moura



Mergulho; colagem digital, impressão fine arts; 29,7 x 42 cm; 2020

Ana Cristina Teixeira



Decifra-me, mas não me conclua, eu posso te surpreender” ou “Decipher me, but don’t finish me, I can surprise you”; acrílica, caneta e colagem s/ papel Hahnemühle; 36 x 48 cm; 2020

Ana Lisboa



Horizonte para sempre; acrílica s/ tela; 100 x 90 cm; 2019

Ana Luiza Mello



Faces de Clarice; desenho digital, impressão digital s/ couché 300gr; 21 x 29 cm; 2020

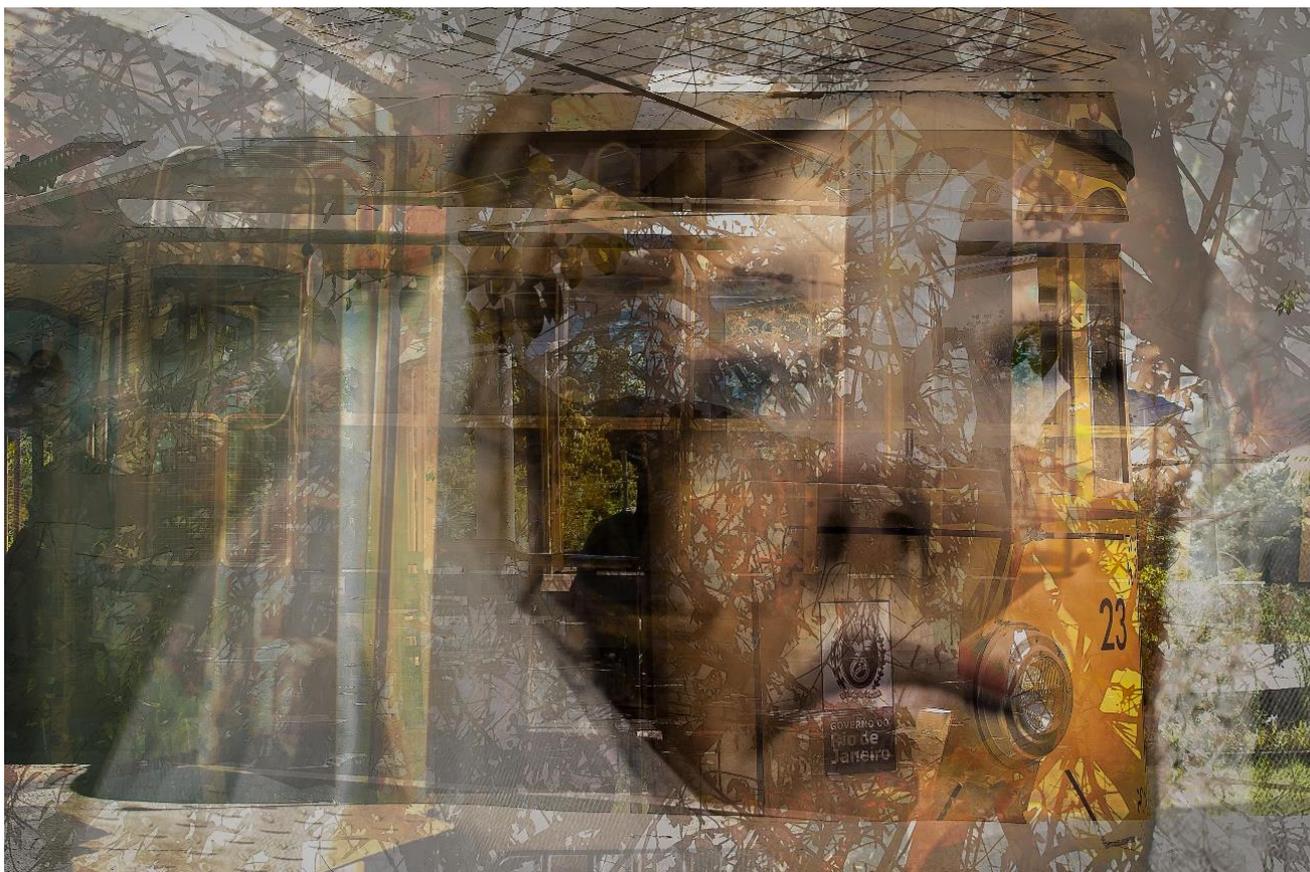
Ana Morche



Testemunho à tentação da Rosa - a que Laura
não se permitiu ceder... inquietante, desvarada
e apavorantemente pecaminosa imitação de si mesma...
Ana Morche

A tentação da Rosa; técnica mista s/ papel Arche; 25,5 x 36 cm; 2020

Ana Pose



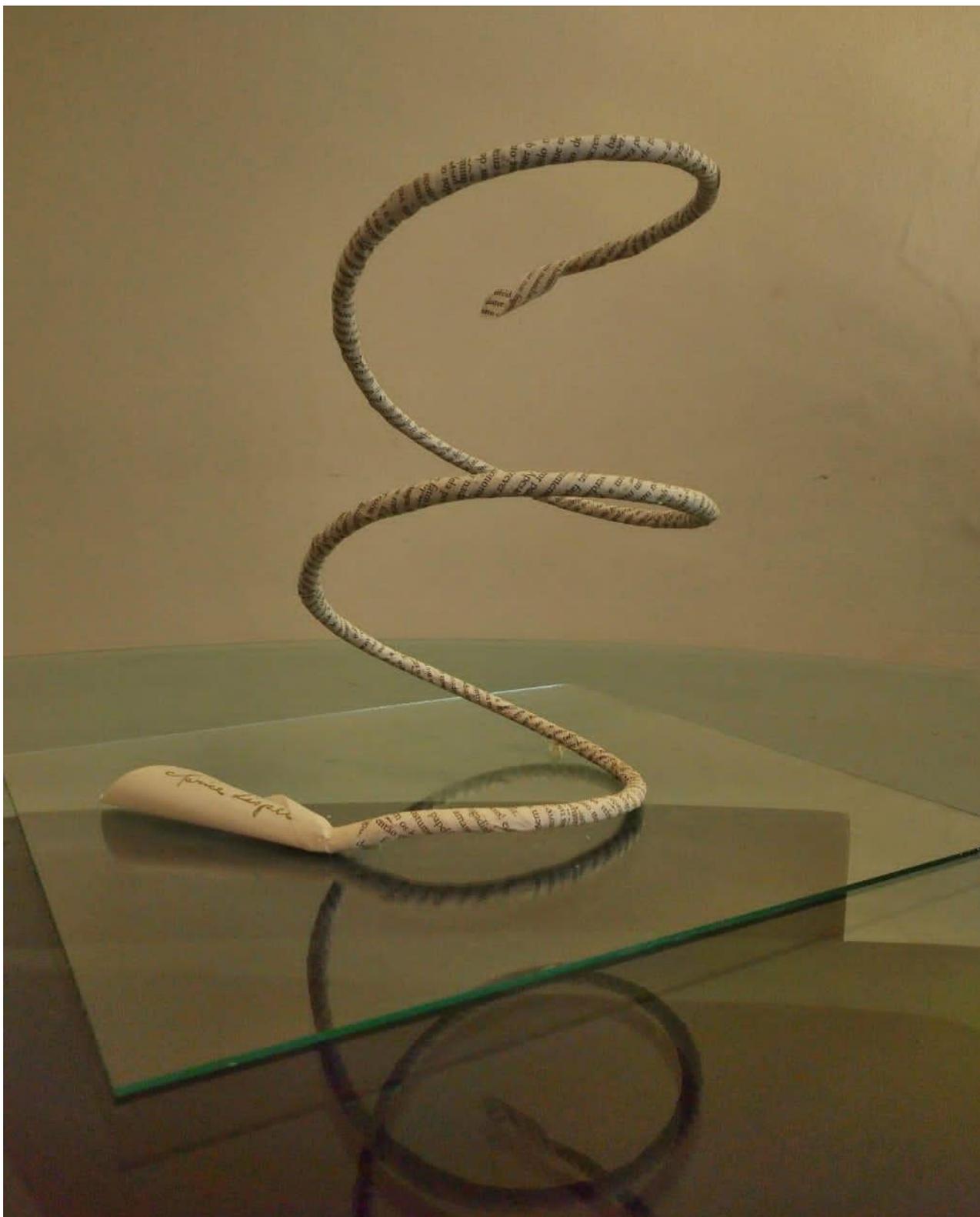
Conto Amor; fotografia, impressão Fine Art com pigmento mineral sobre papel de algodão Canson Infinity Rag Photographique; 90 x 60 cm; 2020

Ana Schieck



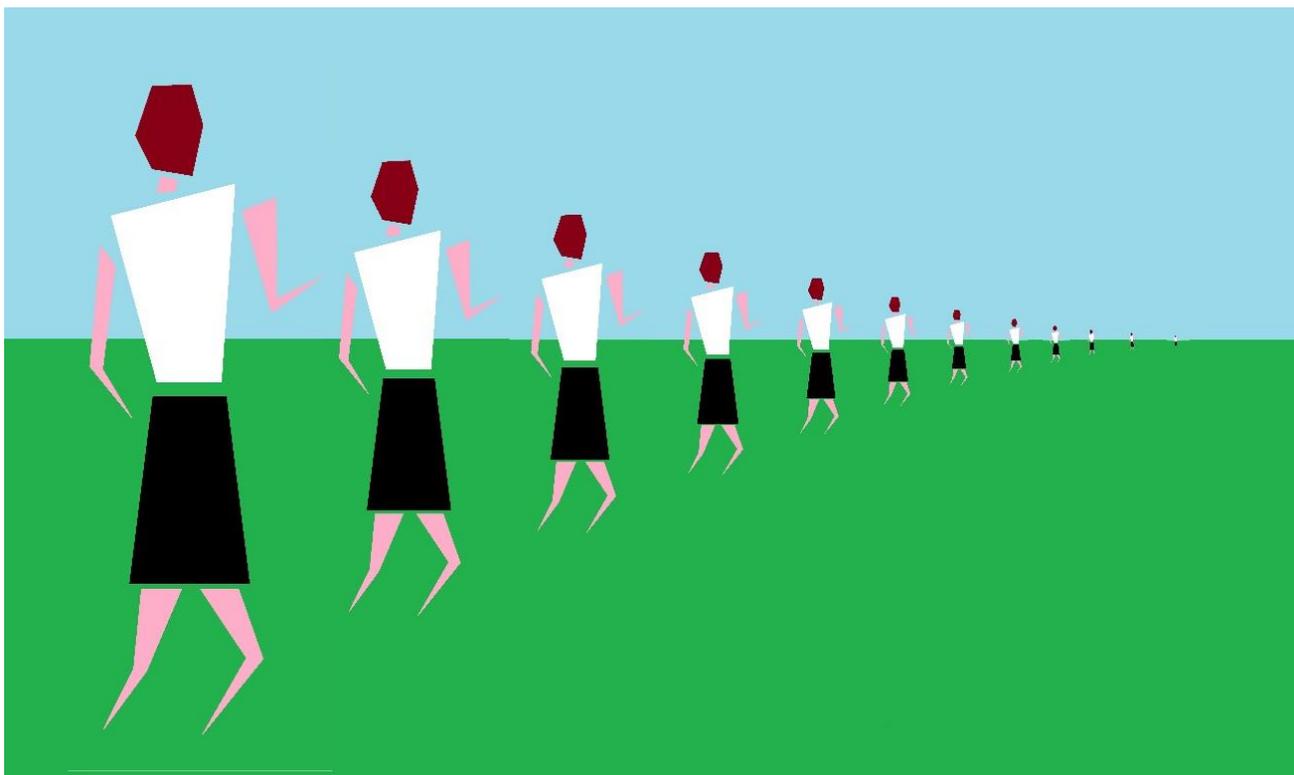
Eu Escrevo; impressão digital, imagem fotográfica com interferência em desenho; 3 exemplares; 21 x 29,5 cm (sem moldura); 2020

Anderson Tibau



Assovio no vento escuro; escultura, espiral de vergalhão coberta por fragmentos de páginas do livro *A hora da estrela* sobre base de vidro; 2020

Andres Papa



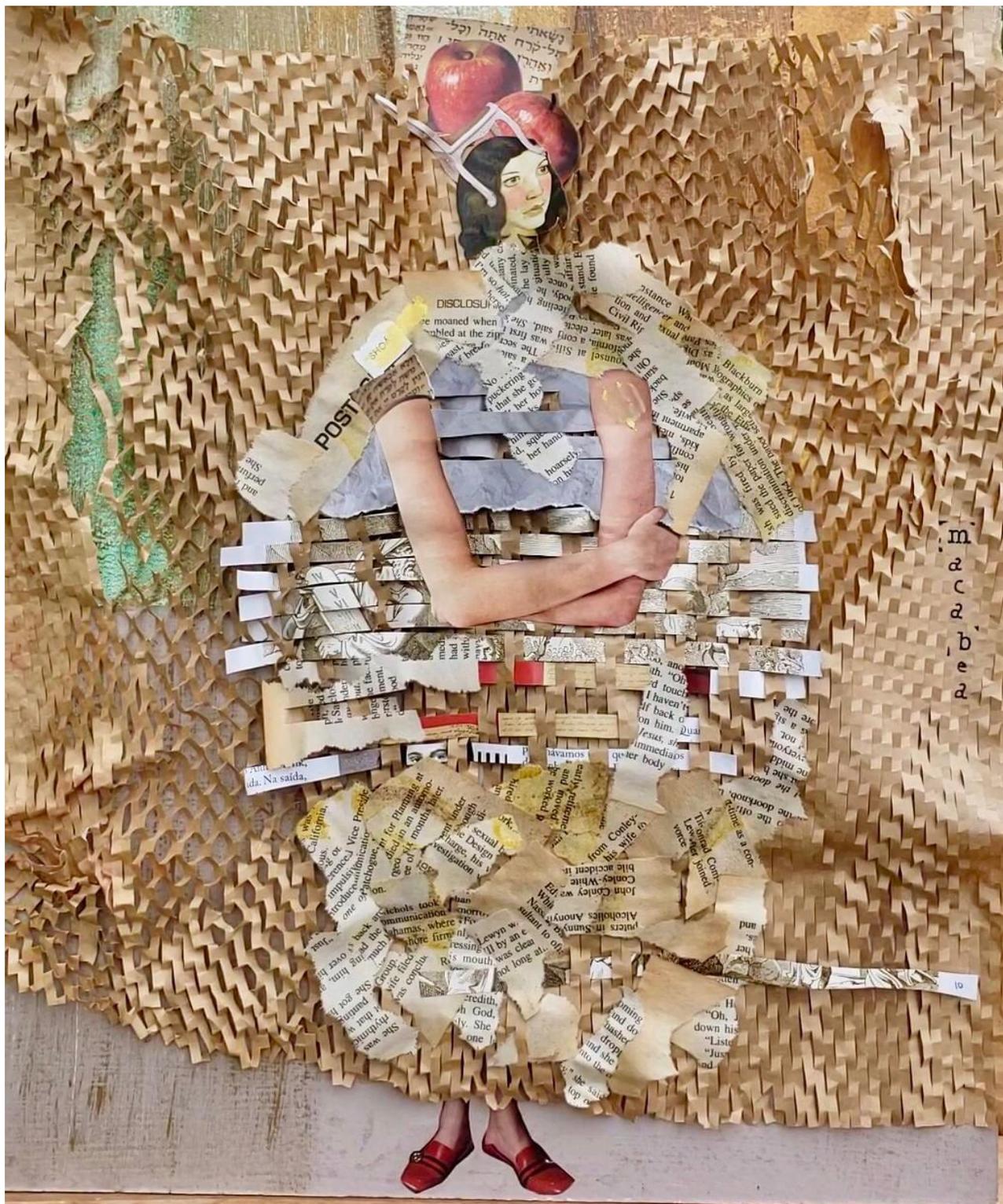
A arte de desaparecer; diversos suportes; 6408 x 10680 pxls; 2020

Augusto Herkenhoff



Clarice futebol, inspirado na crônica de Clarice Lispector "Armando Nogueira, futebol e eu, coitada"; técnica mista, impressão fine arts; 29 x 11 cm; tiragem 1/5; 2008/2020

Bahie Banchik



Uma cadeira e duas maçãs; técnica mista e colagem sobre madeira; 34 x 40 cm; 2020

Benedito Neves Jr.



Viver é deixar marcas; óleo sobre madeira; 21 x 29 cm; 2020

Benjamin Rothstein



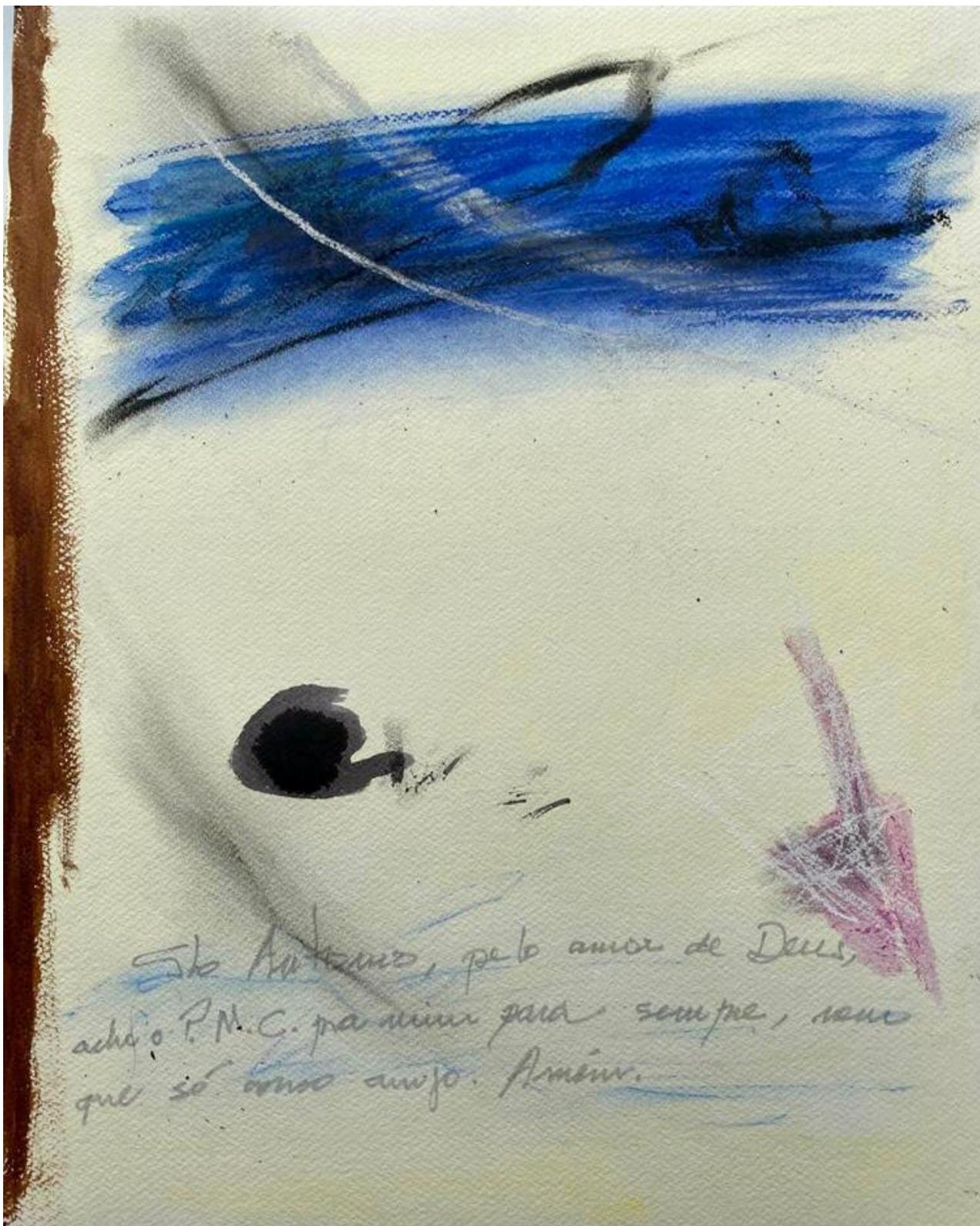
Recorte pontual; técnica mista s/ tela; 37,5 x 28 cm; 2019

Carmen Bello



Clarice; óleo s/tela; 60 x 60 cm; 1996

Celia Gimenez



Mesmo que só como amigo; técnica mista s/ papel; 40 x 50 cm; 2020

Celso Adolfo



...E outras coisas; mosaico/pedras e esmaltes vidro; 25 x 57 cm; 2019

Cesar Coelho Gomes



Numa tarde comum...; óleo s/ tela; 40 x 40 cm; 2020

Cesar Paes Barreto



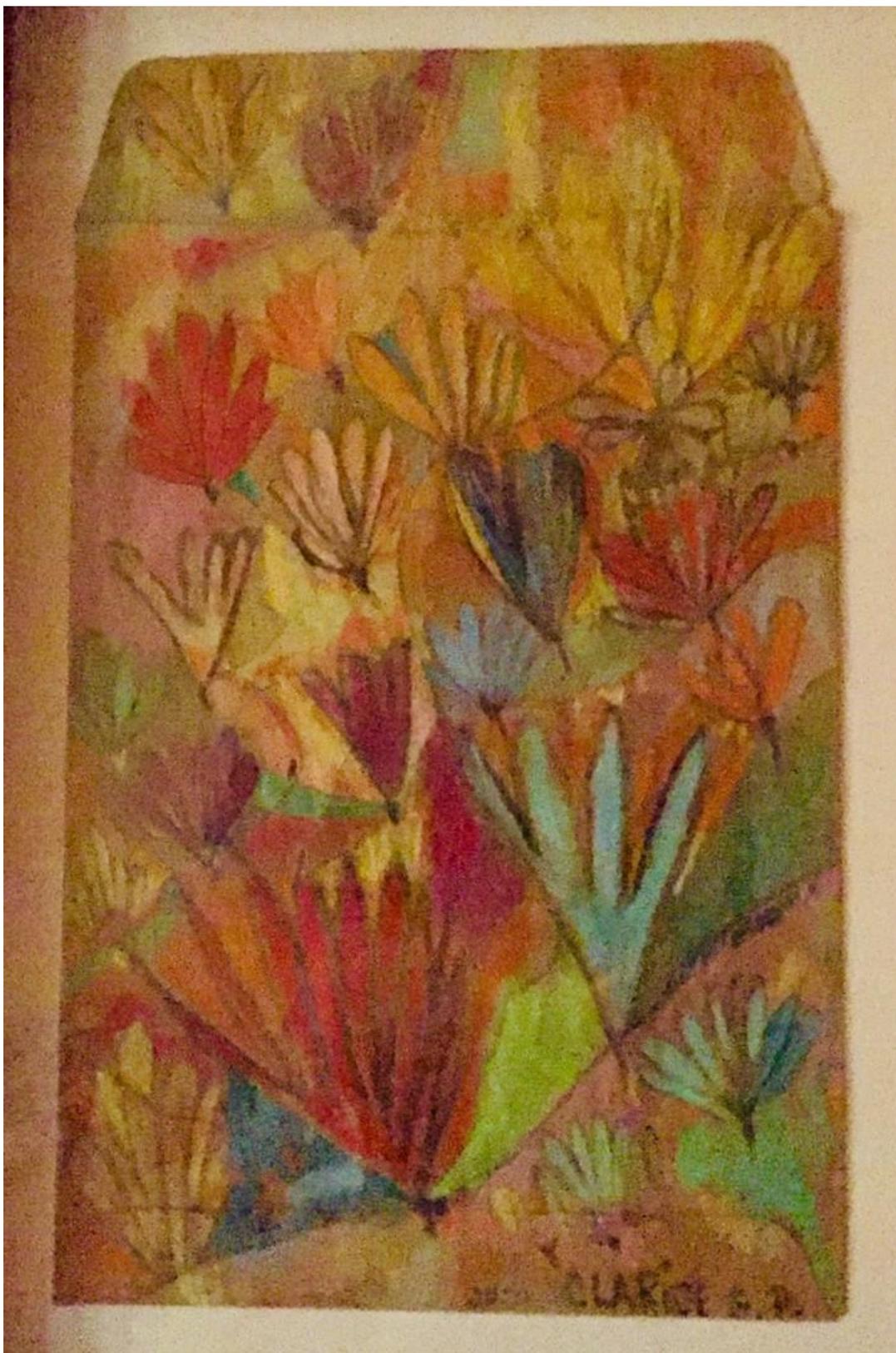
Sonho de Clarice; arte digital em smartphone, impressão em canvas Canson matte 395 g com tintas de pigmento mineral; edição única; 66 x 46 cm e com 10 reprints impressão em papel Canson matte 180g com tintas de pigmento mineral, 48 x 33 cm; 2020

Chica Granchi



Planta OVO dourada com Black Hole; acrílica e plástico; 40 cm; 2015

Clarice Pellegrino



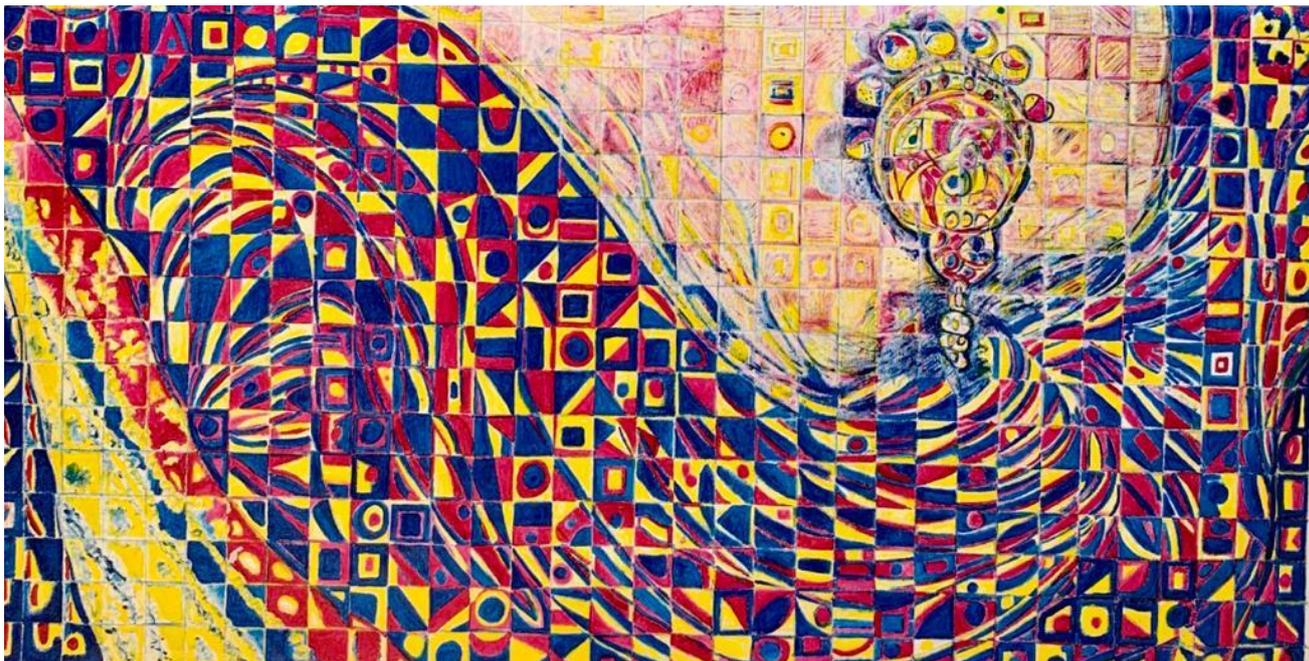
Gravatás; desenho em envelope reciclado pintado com guache e lápis de cera solúvel; 35 x 25 cm; 2020

Claudia Watkins



Epifania; técnica mista s/ tela; 100 x 100 cm; 2020

Daniela Veronesi Deboni



Meu anjo (baseado no livro A hora da estrela); acrílica; 110 x 56,5 cm; 2017

Debora Steinhaus



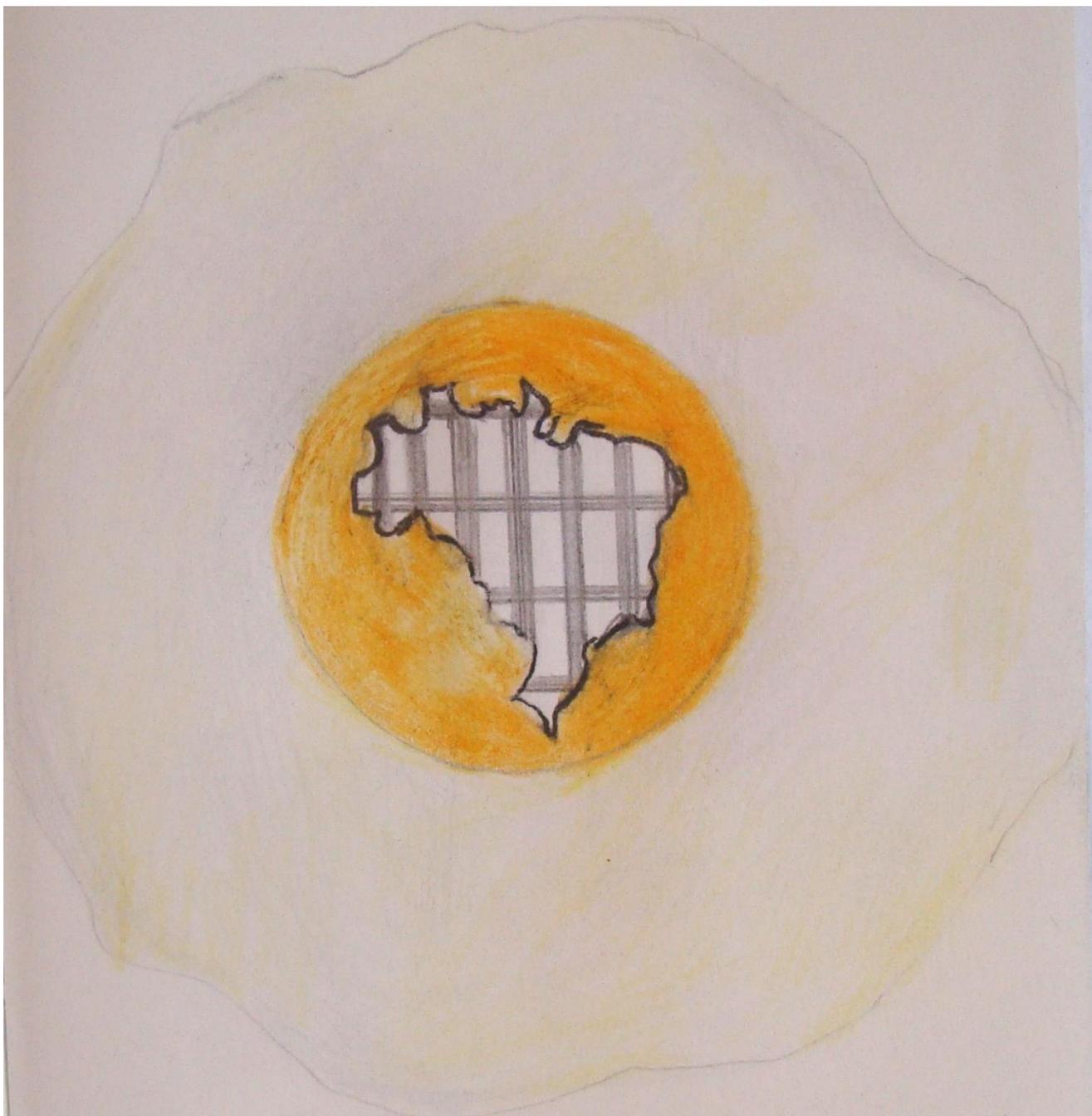
Clarice; Desenho pastel e gouache s/ papel; 80 x 60 cm; 2020

Deneir



Festa Para Mondrian; madeira industrial, alumínio reciclado e alfinetes; 30 x 95 x 130 cm; 2020

Denize Torbes



Balança Brasil; vídeo; duração 1'25"; 2020

Dirce Fett



Clarice; acrílica s/ tela; 20 x 30 cm; 2020

Dora Portugal



Obsessão; acrílica s/ tela; 30 x 20 cm

Dulce Lysyj



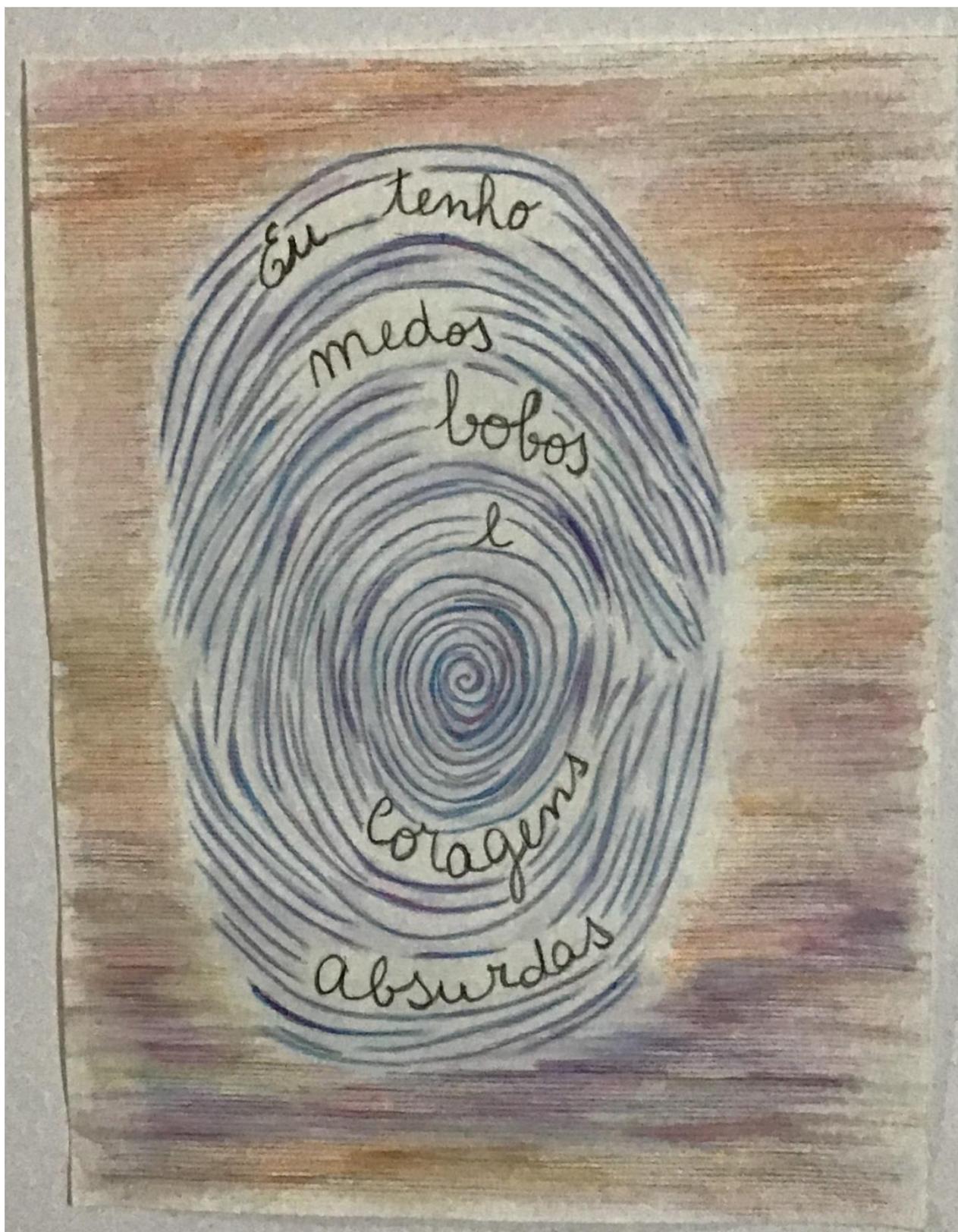
Renda-se; colagem; 7 pranchas de 42 x 30 cm; 2020

Edineusa Bezerril



Palavras ao Vento; acrílica s/ Canson; 30 x 42 cm; 2020

Edwiges Barros



Digital; lápis de cor aquareláveis; 22,9 x 30,5 cm; 2020

Elaine Fontes



Maternidade; foto arte digital; 60 x 60; 2020

Eliane Carrapateira



" Apesar de..."; da série Diálogos; inspirada no livro "Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres"; monotipia s/ Canson; 29,5 x 84 cm; 2020

Elis Pinto



Ao cubo; da série Trópicos - A Vênus do fim do mundo; óleo e acrílica s/ tela; 68 x 52 cm; 2015

Fernando Brum



Sem título; óleo s/ linho; 53 x 43 cm; 2020

Gardenia Lago



Urgências; fotografia, impressão alta qualidade em canvas; 70 x 52,5 cm; 2020
E vídeo

Inspirados no trecho de um poema de Clarice Lispector:

“Sou composta por urgências:
minhas alegrias são intensas;
minhas tristezas, absolutas.”

Gina Castelo Branco



Infância; fluidart e técnica mista; 150 x 150 cm; 2020

Gloria Conforto



Ela acreditava em anjos; aquarela sobre papel Arches; 23 x 32 cm; 2020

Graça Pizá



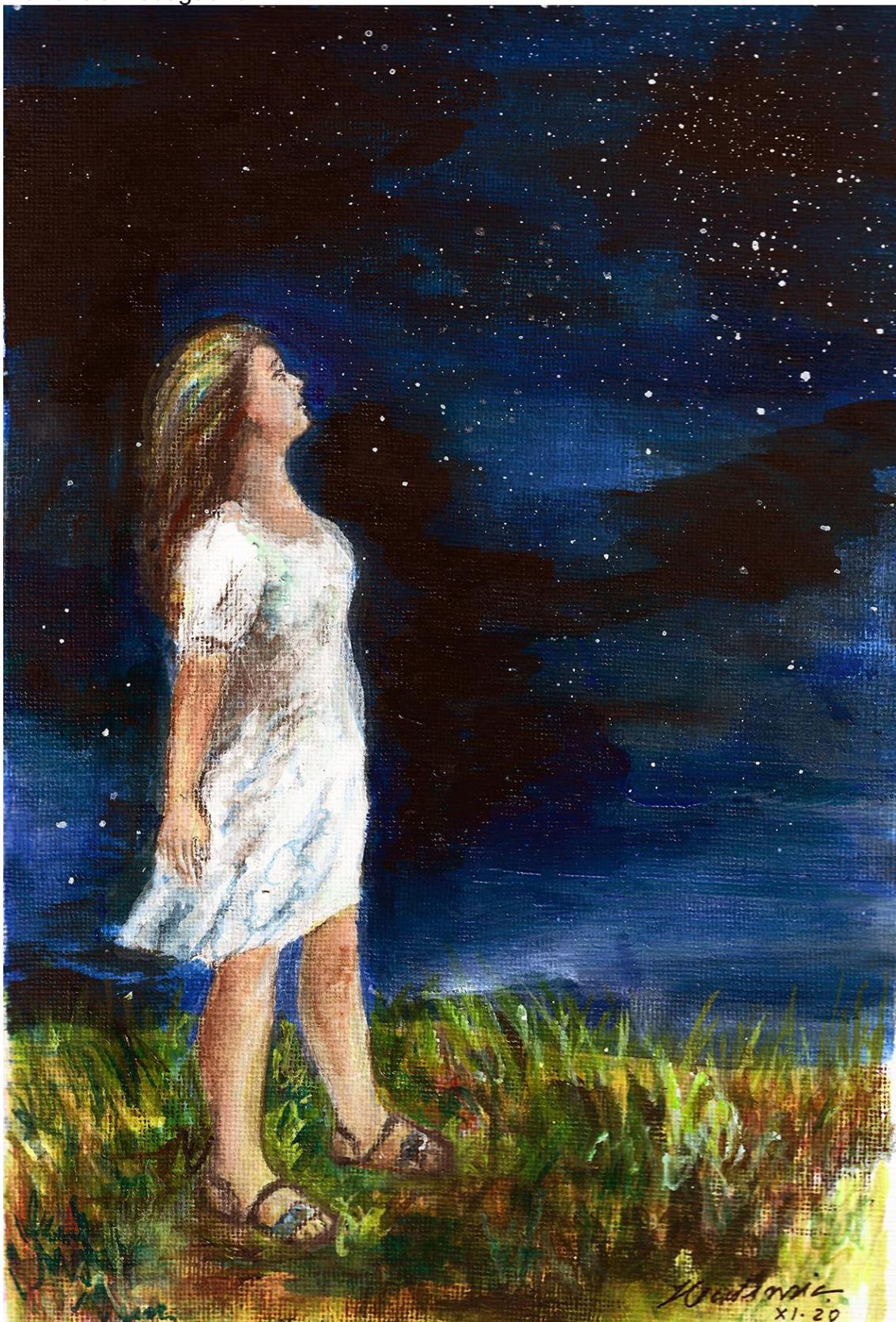
Lorelei e Ulisses; instalação, esculturas em resina; 20 x 16 x 16 cm; 2020

Helena Wassersten



O pintor; caixas de papel Kraft, cola e acrílica; 37,5 x 34,5 cm; 2020

Hortensia Pecegueiro



Contemplação; acrílica s/ papel Canson 300g/m2; 19 x 28 cm

Ilda Fuchshuber Falacio



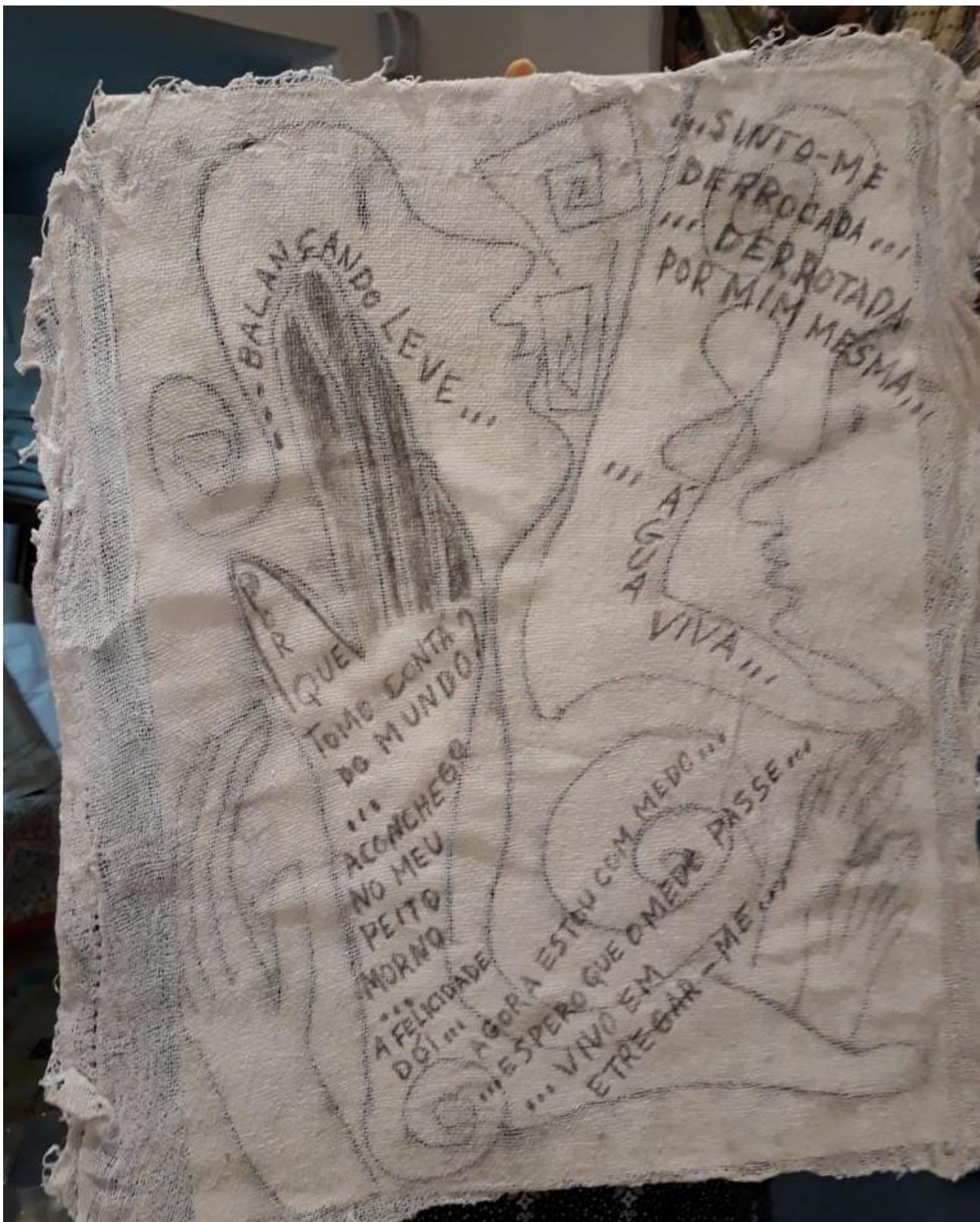
Borboleta é pétala que voa; óleo s/tela; 27 x 34 cm; 2020

Isabela Bentes



Sonhe de Clarice Lispector; videoarte, 40"; 2020

Isabella Marinho



Sem título; técnica mista, desenho sobre papel e tecido; 29 x 42 cm; 2020

Isis Braga



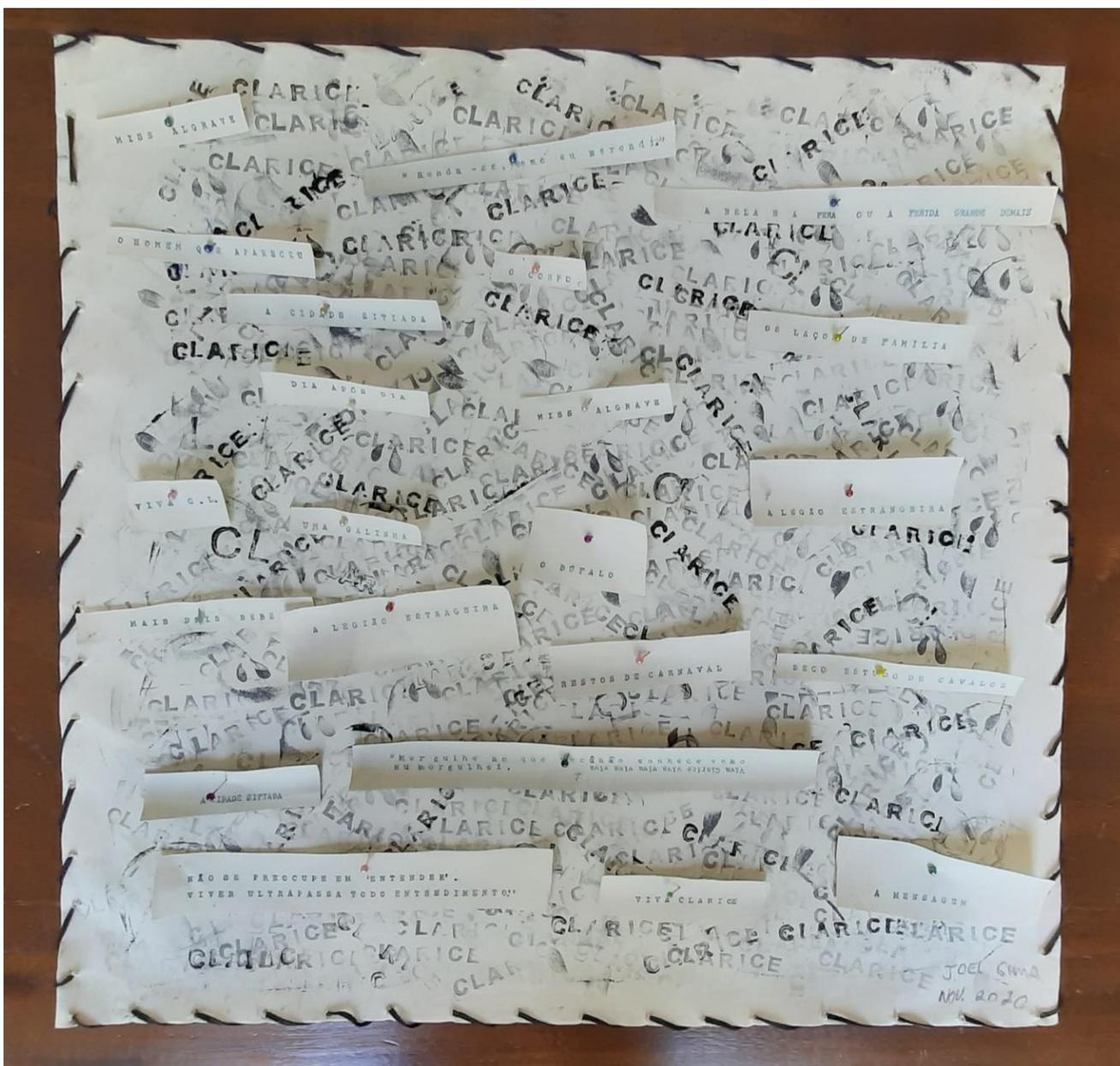
Clarice 100, inspirado no conto Uma Galinha (Coletânea Laços de Família);
crayon Conté nº 2 e lápis aquarela Carandache s/ papel Schoellers Hammer
montado; 35 x 27 cm; 2020

Jarbas Paullous



Não entendo; fotografia, 30 x 50 cm; 2020

Joel Gama



Mural de Clarice C.L.; tela de algodão com forro de cortiça, recortes de lembretes diários fixados com alfinetes; 50 x 50 cm interno, caixa externa madeira pinho riga 60 x 60 frente de vidro; 2020

Jorge Cerqueira



Macabéa; guache s/ papel; 67 x 51 cm; 2020

Judite Alice



O arco; acrílica e nanquim s/ papel; 55 x 65 cm; 2018

Lando Faria



Clarisse; vídeo; 2'14''; 2020

Leila Bokel



Pedras; Eterna estrela eterna; tecido, acrílica e fios de algodão; 21 x 30 x 18 cm; 2020

Lennart



Renascimento; cerâmica; 25 x 20 x 15 cm; 2018

Lenn Cavalcanti



O grito, acrílica s/ tela e frase escrita no photoshop; 30 x 30 cm; 2020

Let Cotrim



Paixão; fotografia digital papel fine-art Hahnemühle Baryta; tiragem 10; 42 x 29,9 cm; 2020

Lena Tejo



"É"; técnica mista; 40 x 40 cm; 2020

Lia do Rio



Tensão; 2 Blocos de granito sobrepostos; 5 x 9 x 9 cm cada; 2000

Liana Gonzalez



O ovo, as estrelas, Clarice e o tempo - um camafeu; impressão em papel fine art; 24,7 x 33 cm; 2020

Lizete Zem



Plenitude; óleo s/ tela; 30 x 20 cm; 2020

Lu Guedes



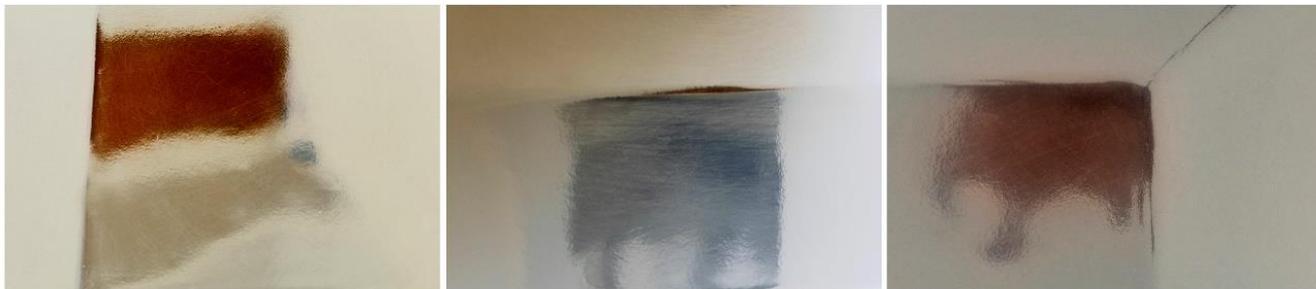
explosão X prisão; tinta e massa acrílica s/ tela; 145 x 145 cm; 2015

Lucia Lyra



Lua do Meio Dia; acrílica s/ papel; 42 x 59,7 cm; 2020

Luciane Villanova



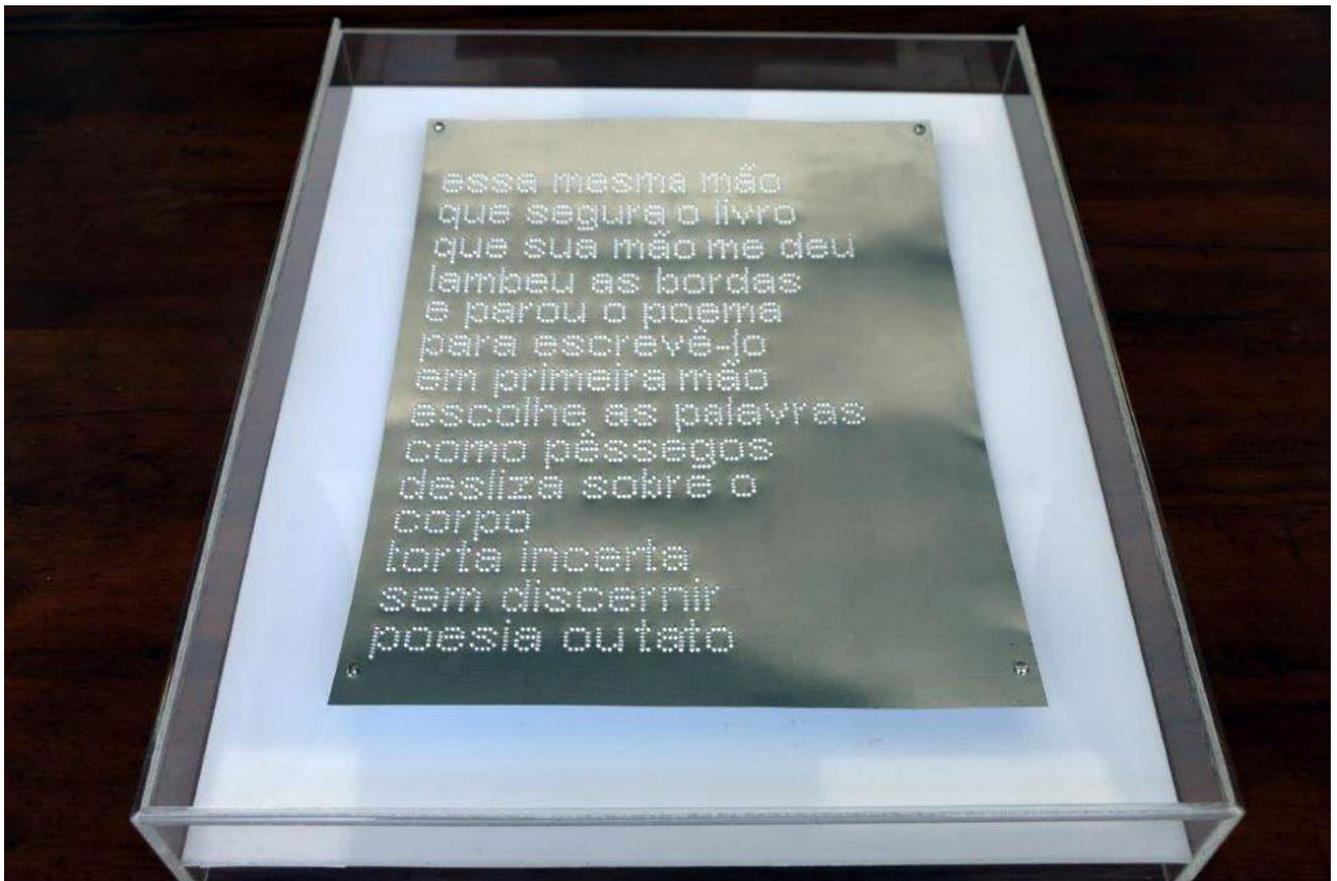
Epifania; fotografia impressa em papel 100% algodão Hahnemuhle PhotoRag 308gsm; Tríptico; 24 x 17 cm cada foto; Tiragem: 1/3; 2020

Marcelo Veiga



Clarice; desenho digital, impressão fine arts; tiragem 5; 50 x 50 cm; 2020

Marcia Clayton



La petite mort; folha de flandres, escrita braile e caixa-estojo de acrílico; 43 x 35 x 7 cm; 2012

Maria Cecilia Leão



Hermética (autorretrato); fotografia digital impressão fine art em papel
Hahnemühle 308 g; 30 x 40 cm; tiragem: 1 de 5; 2019

Maria Perdigão



Uma Prendizagem ou o Livro dos Prazeres; técnica mista com terras, renda, prego e pigmento acobreado s/ tela; 30 x 30 cm; 2020

Maria Veronica Martins



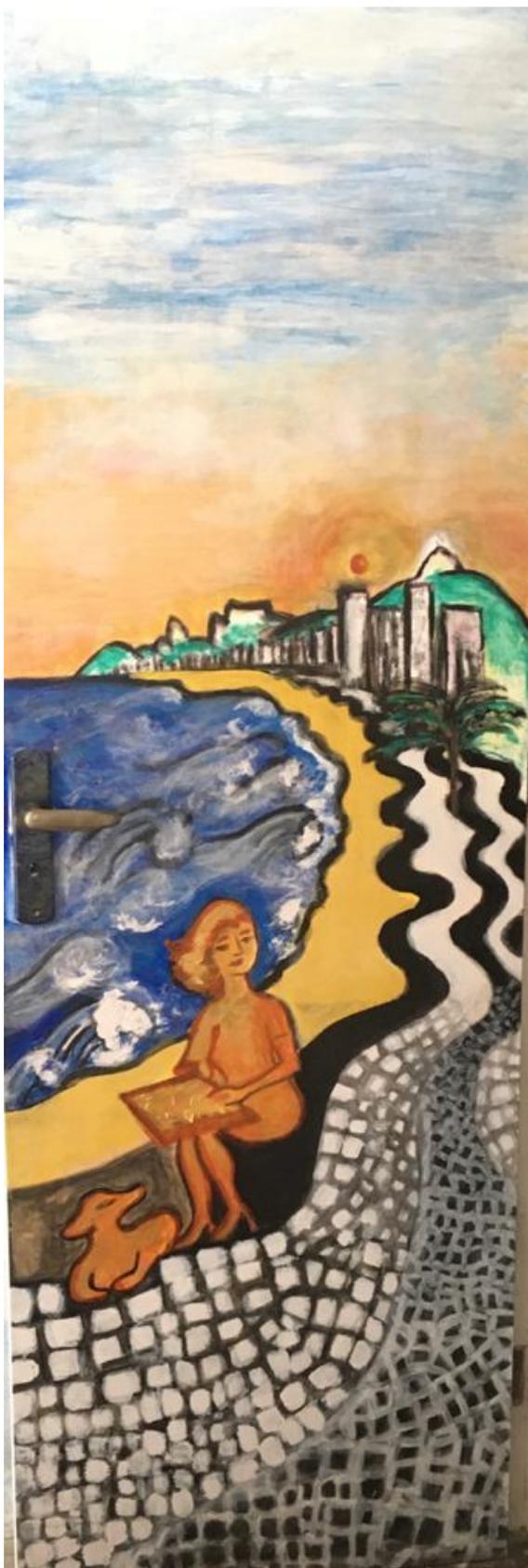
Clarice; aquarela; 30 x 42 cm; 2020

Mariana Campos



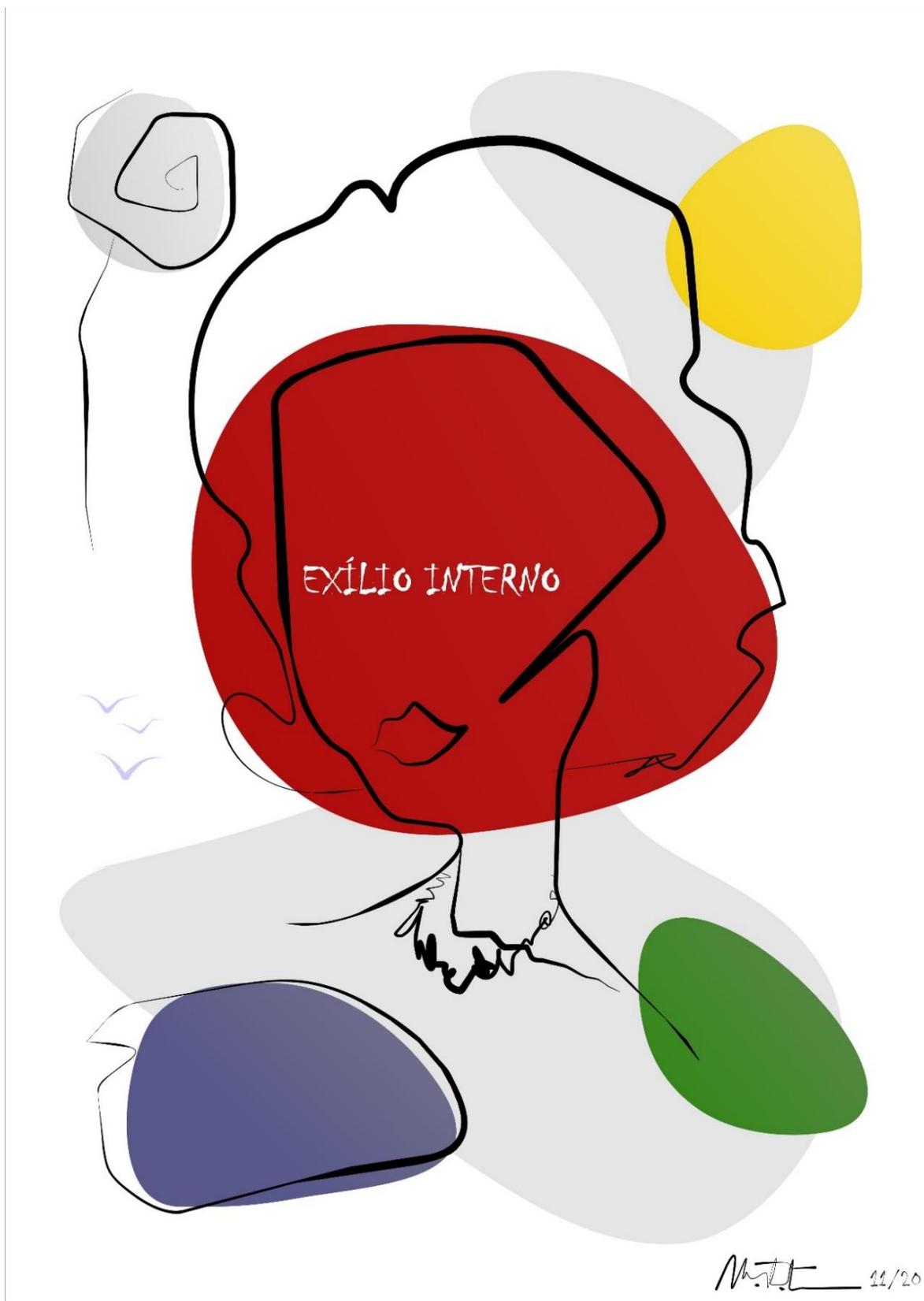
Gato; acrílica s/ tela; 67 x 45 cm; 2020. Inspirada na frase "Como um gato de dorso arrepiado, arpeio-me diante de mim", de Clarice Lispector.

Marta Bonimond



Que mistérios tem o Leme?; técnica mista (porta de madeira); 70 X 208 cm;
2020

Mauricio Tassi Teixeira



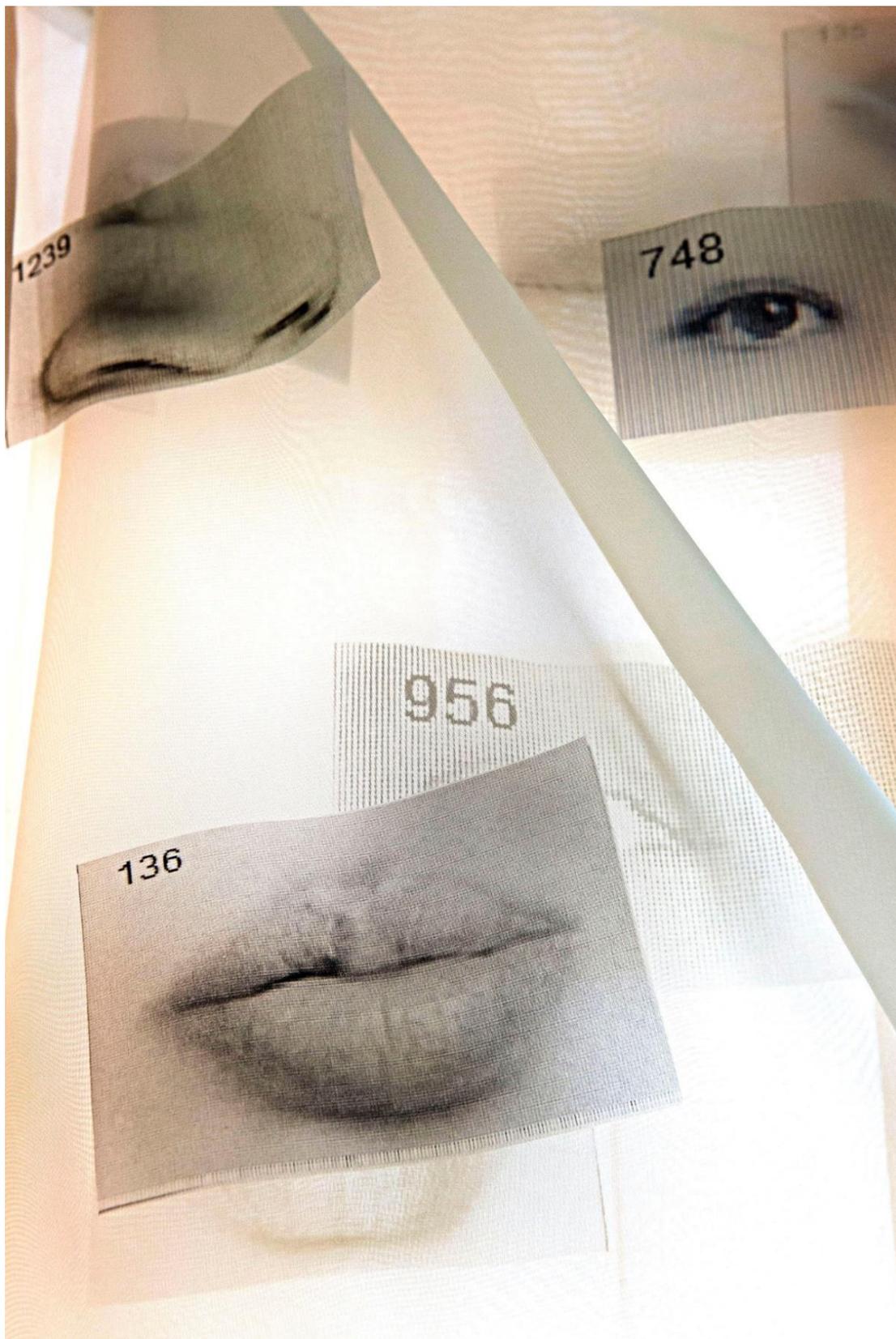
Exílio interno; mão livre em computação gráfica; 42 x 29 cm; 2020 (obs: existe também com fundo preto)

Mauricio Theo



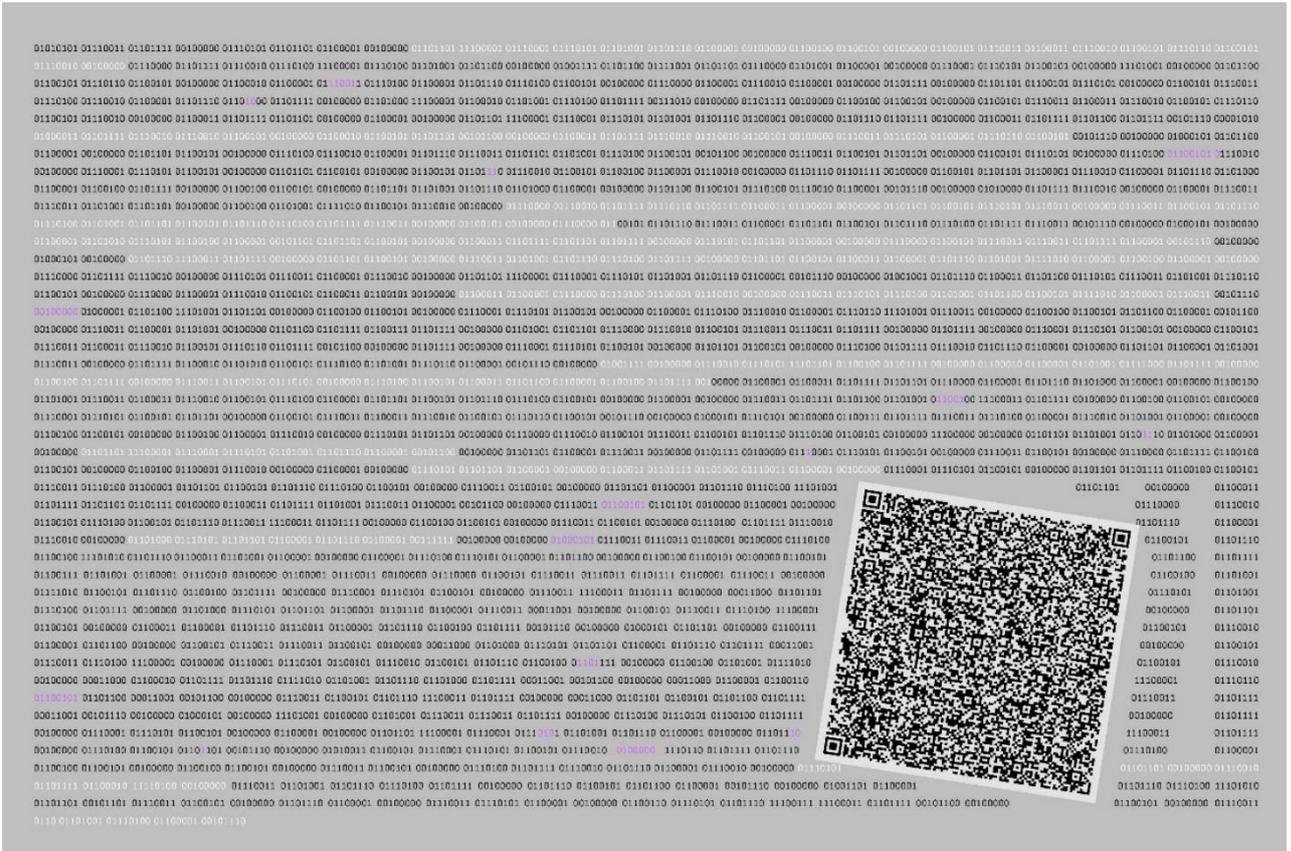
Mergulho com modelos ou Erotik ind wind EAV; técnica mista s/ papel Kraft; 30 x 40 cm; 1987; tiragem 1/5

Mayra Rodrigues



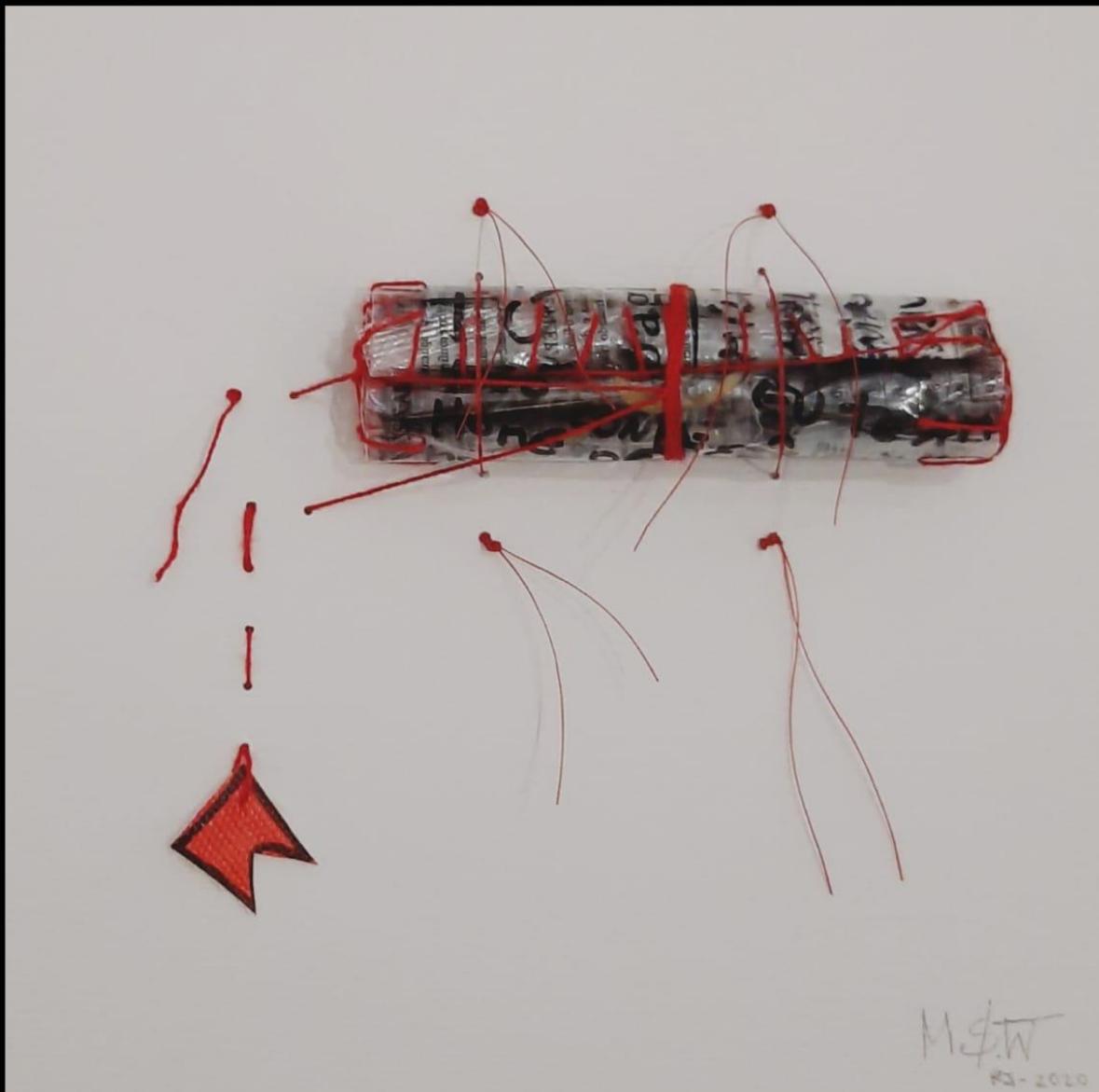
"Com Clarice", foto-poema; duração: 12". Poema: Cristina Harris; detalhe do trabalho "Voile" fotografado por Rogério Reis; 2020

Miro PS



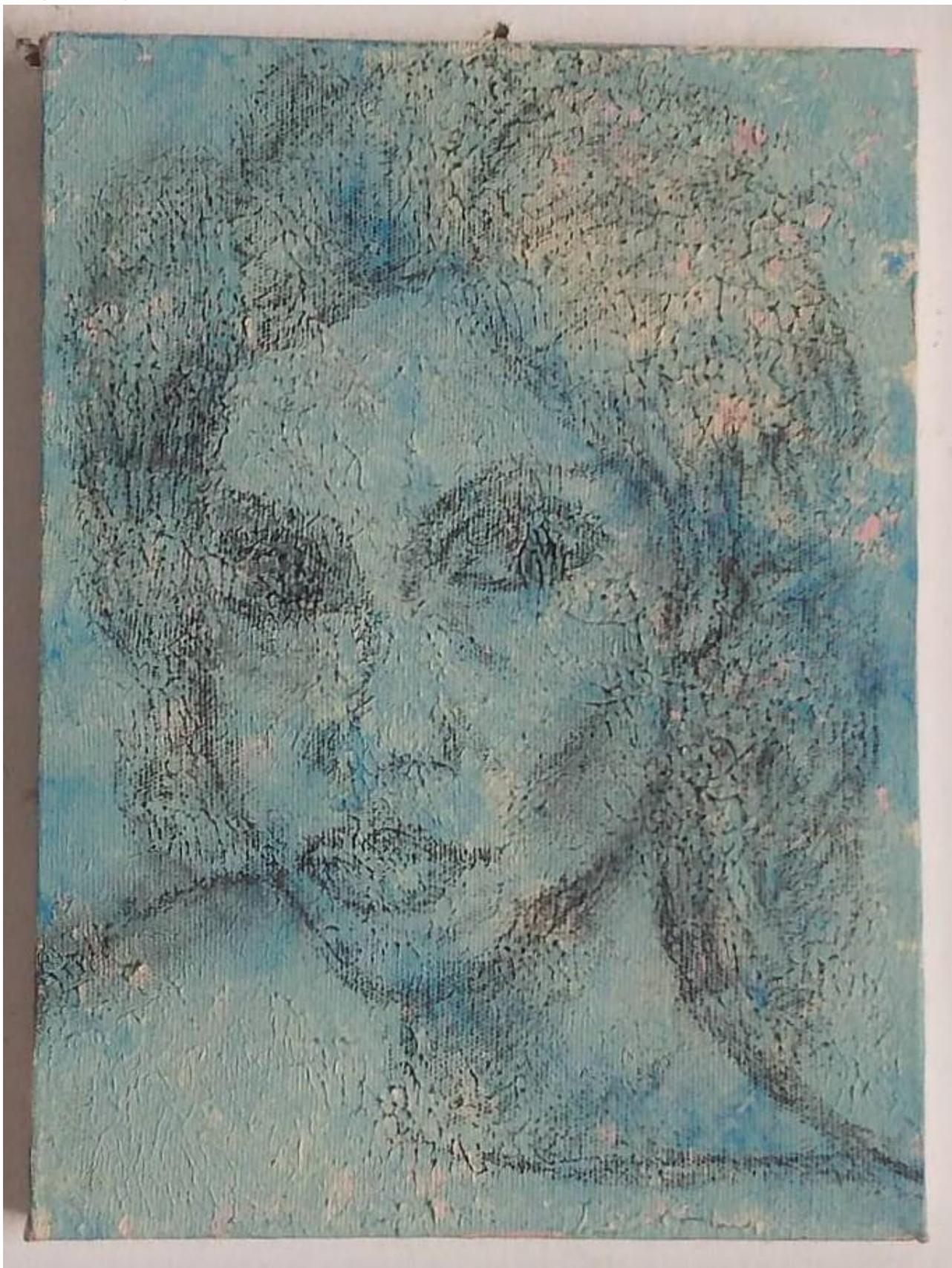
Gratidão à máquina; gravura digital, impressão fine art em papel Canson; tiragem 1/5; 50 x 80 cm; 2020

Morgana Souto Maior



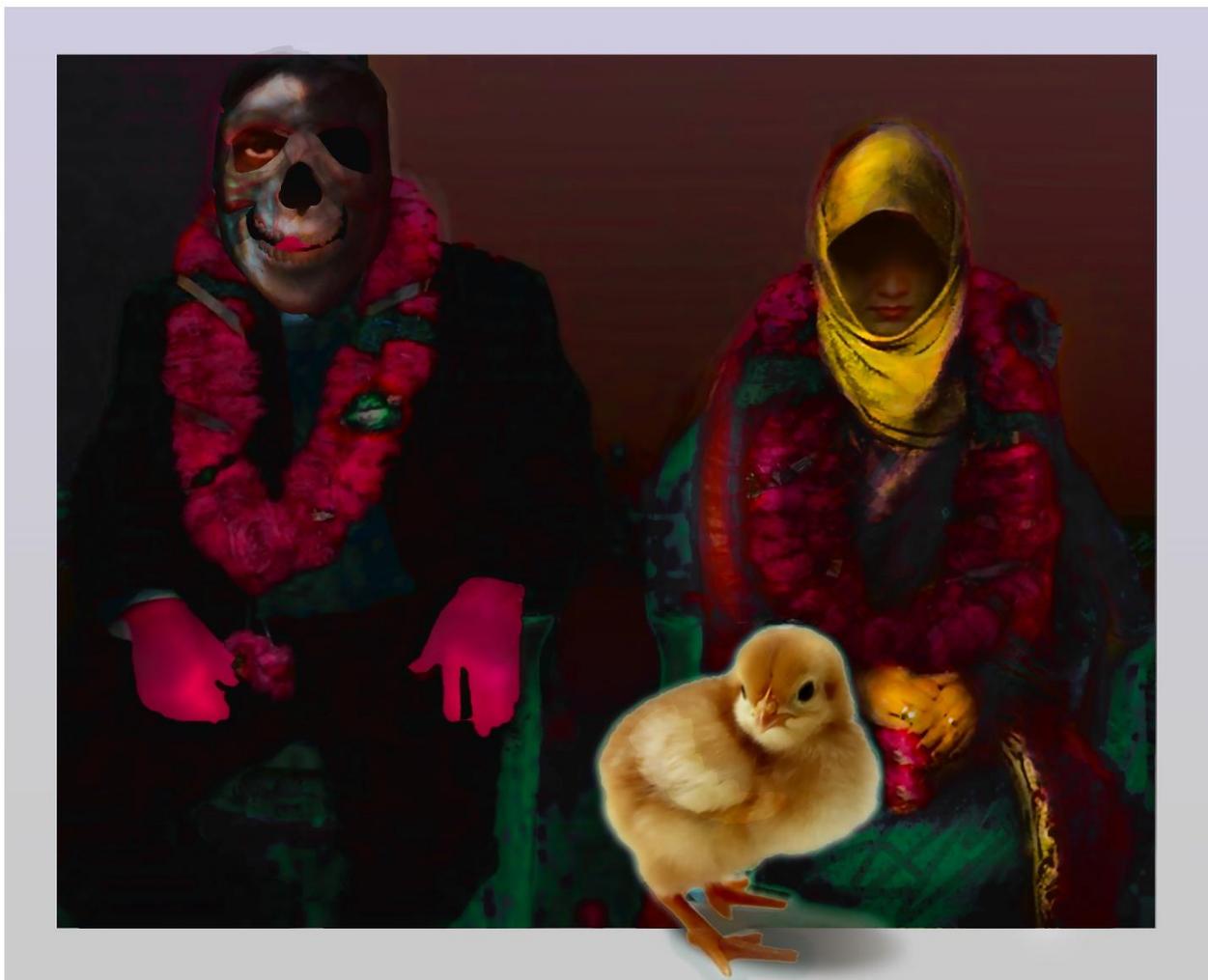
Uma carta para todos; acrílica, costuras e reuso sobre papel; 23 x 23 cm; 2020

Nilton Pinho



O sorriso enigmático de Clarice; óleo e carvão s/ tela; 22 x 16 cm; 2020

Noemi Ribeiro



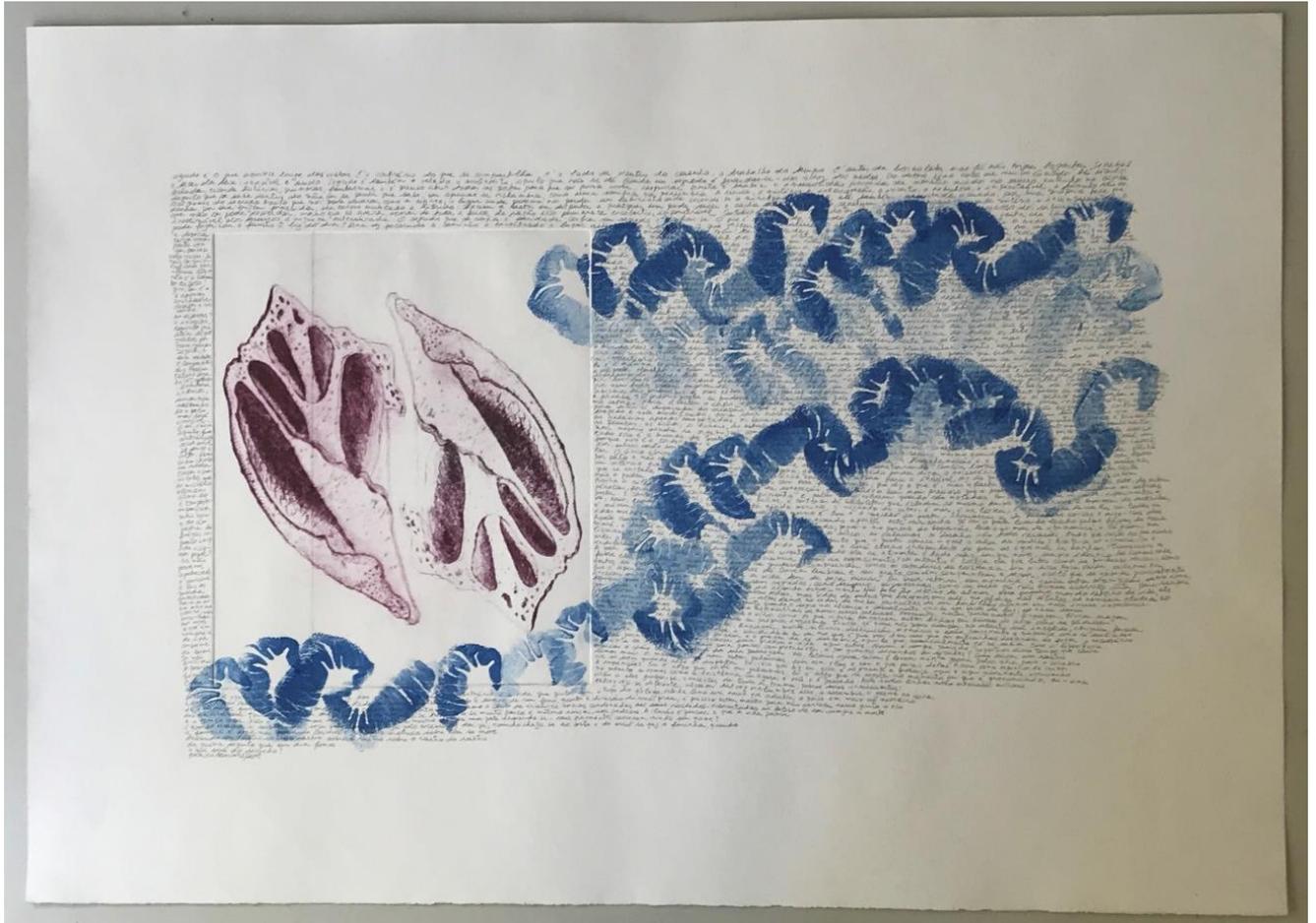
O casamento de Ofélia, inspirado no conto Legião estrangeira de Clarice Lispector; composição digital impressão em papel Canson algodão; 70 x 70 cm, imagem 55 x 60 cm; 2020; tiragem 1/5

Paloma Carvalho



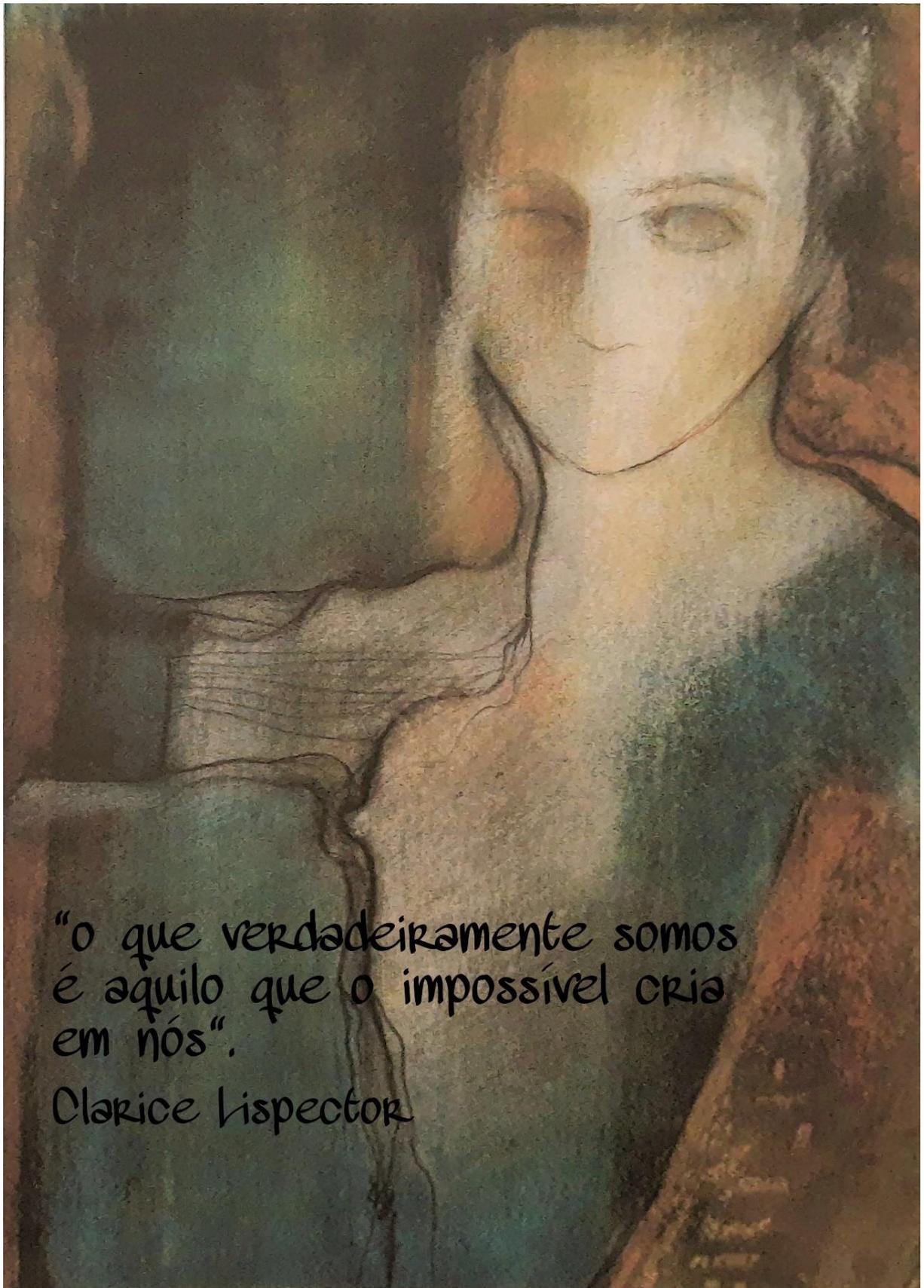
Puja pra luminosa Clarice com "c"; pintura sobre poliéster; 21 x 23 cm; 2020

Patricia Burrowes



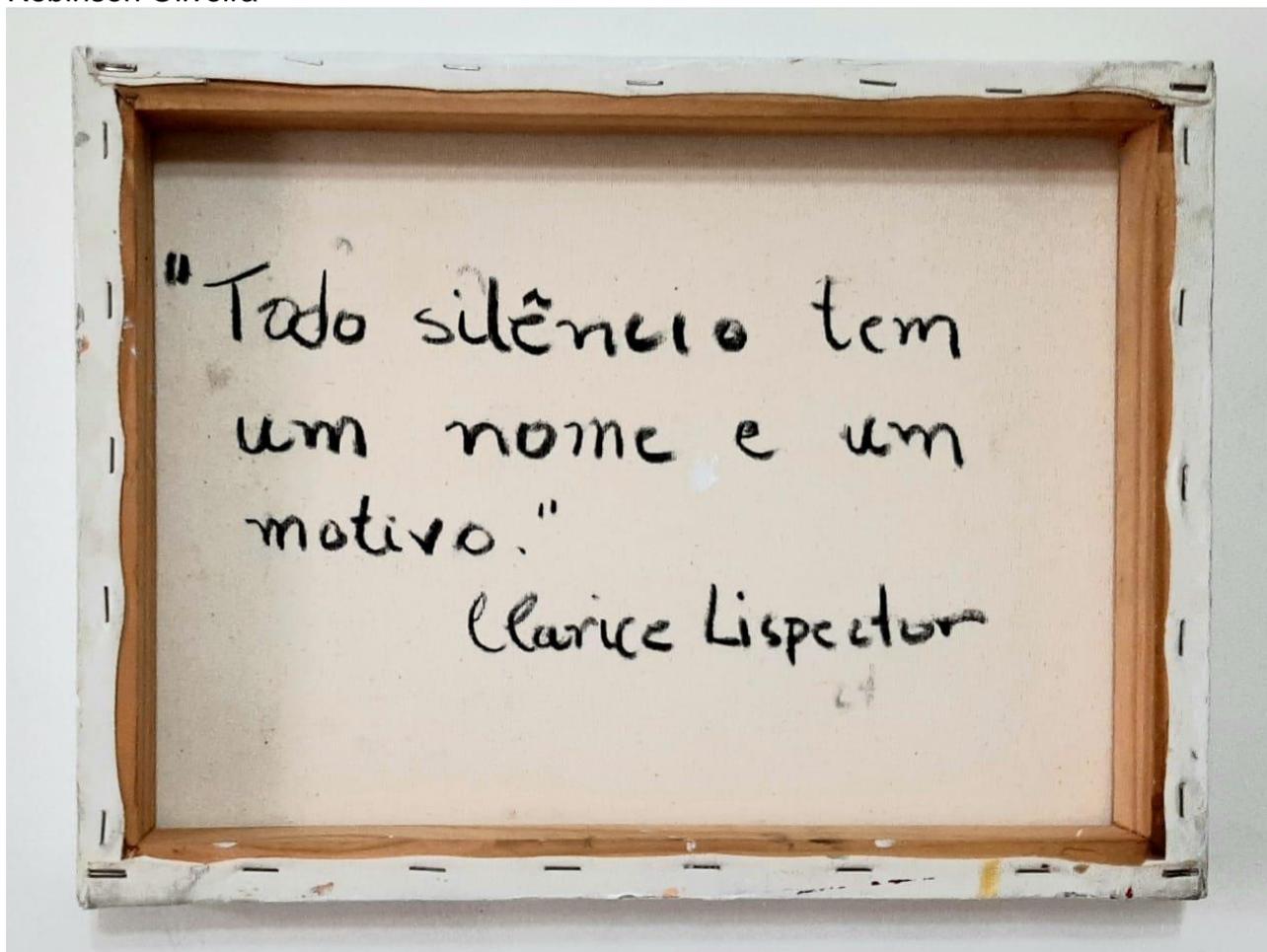
Segredo (para Clarice); técnica mista s/ papel Rives; 48,5 X 70 cm; 2013

Regina Moura



Através do espelho; pastel seco e grafite s/papel Canson; 30 x 42 cm; 2020

Robinson Oliveira



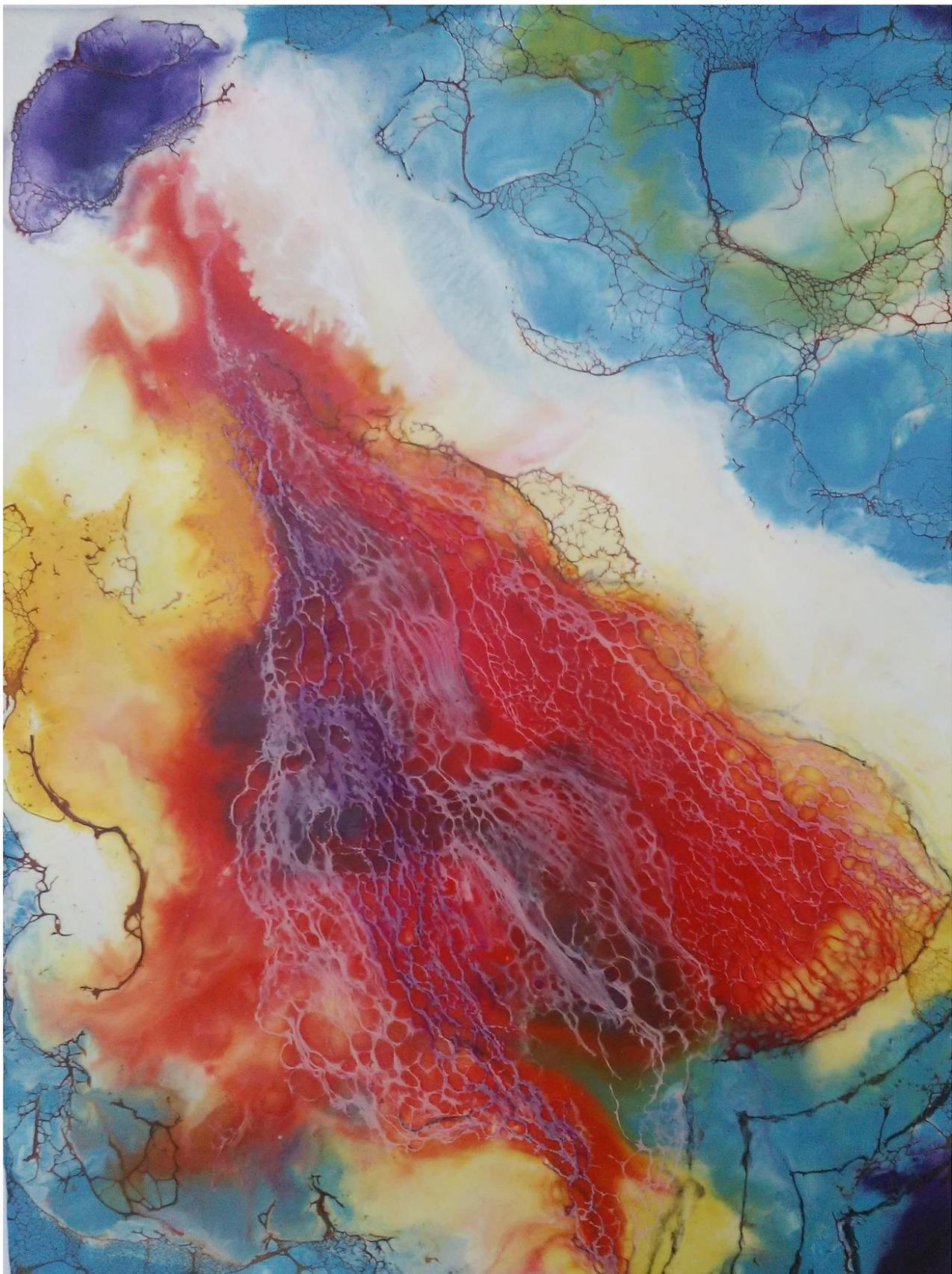
Oráculo; tela e carvão; 30 x 40 cm; 2020

Rosângela Lucena



Para Clarice, rosas; acrílica s/ papel Canson; 60 x 40 cm; 2020

Rosangela Soares Pinto



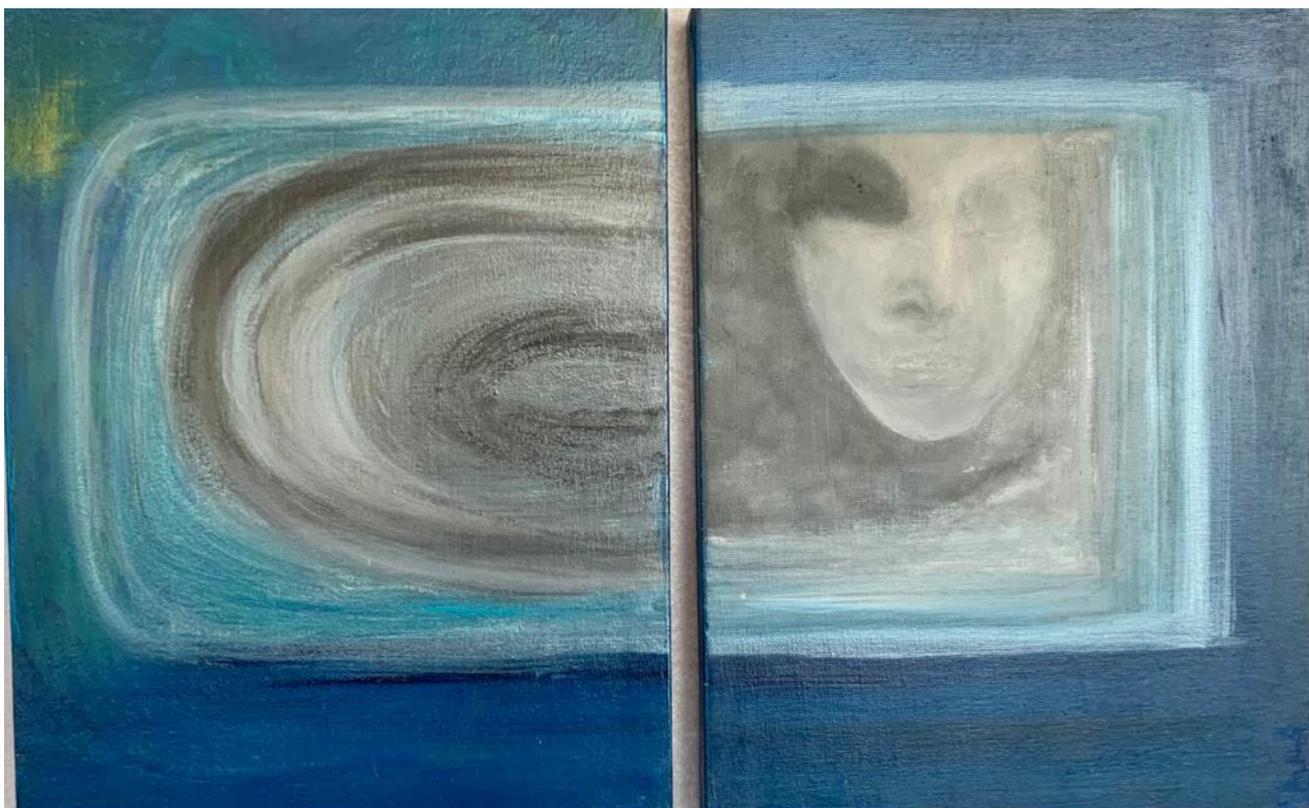
Colcha de Renda; encaustica sobre compensado naval, cera de abelha, carnaúba, breu e pigmentos; 40 x 30 cm; 2020

Rose Aguiar



A Estrangeira; xerox de xilogravura; 49 x 30 cm; 2020

Rose Nobre



Clarice; técnica mista; 40 x 30 cm; 2013

Rosi Baetas



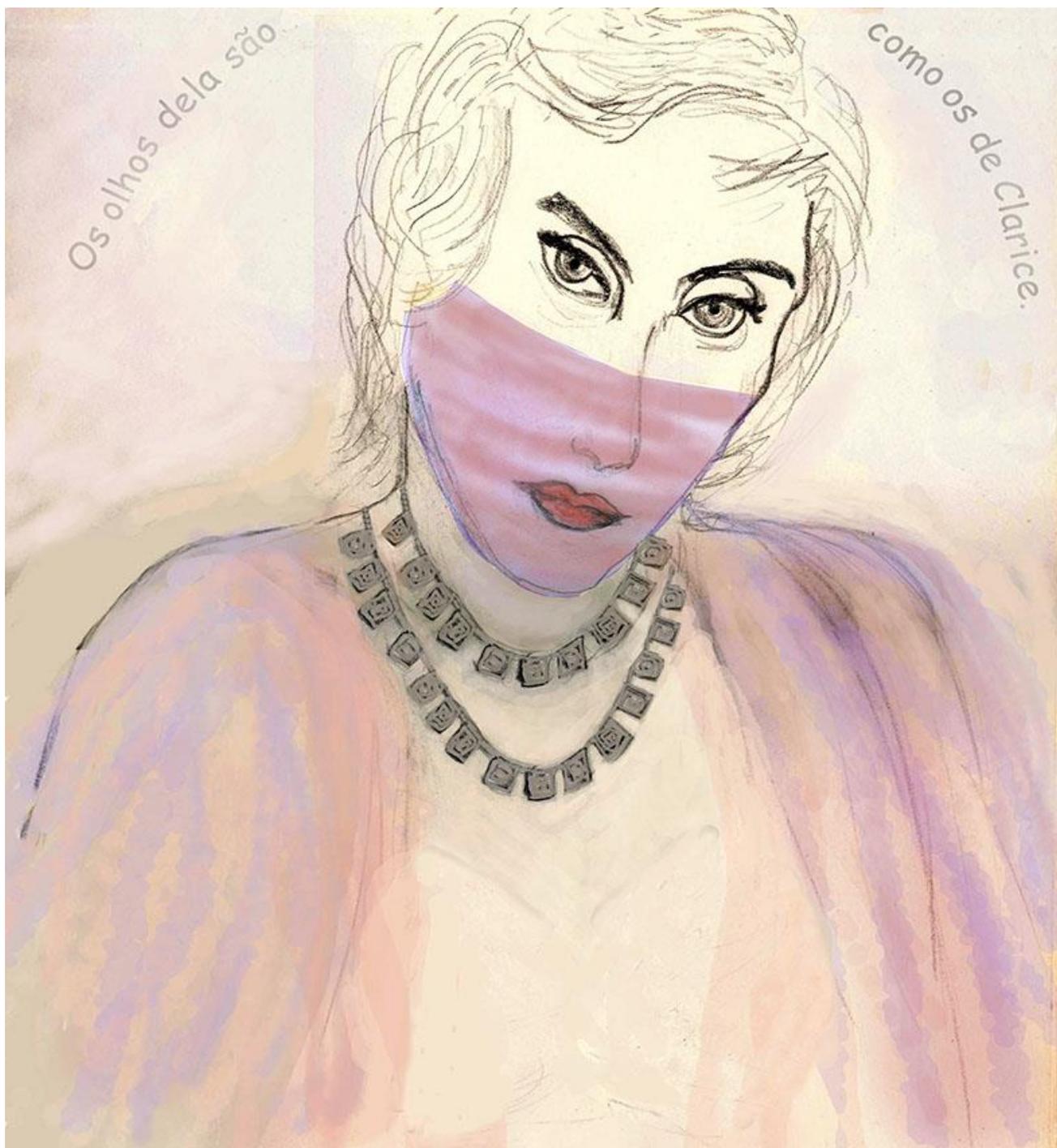
Precisão; técnica mista digital, impressão fine art; 42 x 50 cm; 2020

Salazar Figueiredo



Conto Recuperado - Resquícios de Carnaval; objeto com livro reciclado, gesso, guache e resina; 16 x 22,5 x 5 cm; 2020

Sandra Felzen



Tamar/Clarice; impressão ink jet em papel fotográfico; tiragem 2/20; 57 x 52 cm; 2014

Simone Trombini



Clarice; arte digital; 70 x 100 cm; 2020

Sissi Kleuser



ASALIAH; pigmento mineral s/ papel fotográfico; 34 x 29 cm; 2020

Sônia Guaraldi



Sem título; objeto; 26 x 26 x 35 alt cm; 2018

Sonia Xavier



Clarice um sopro de vida; técnica de planejamento, impressão em tecido; 140 x 70 cm; 2020

Tania Andrade



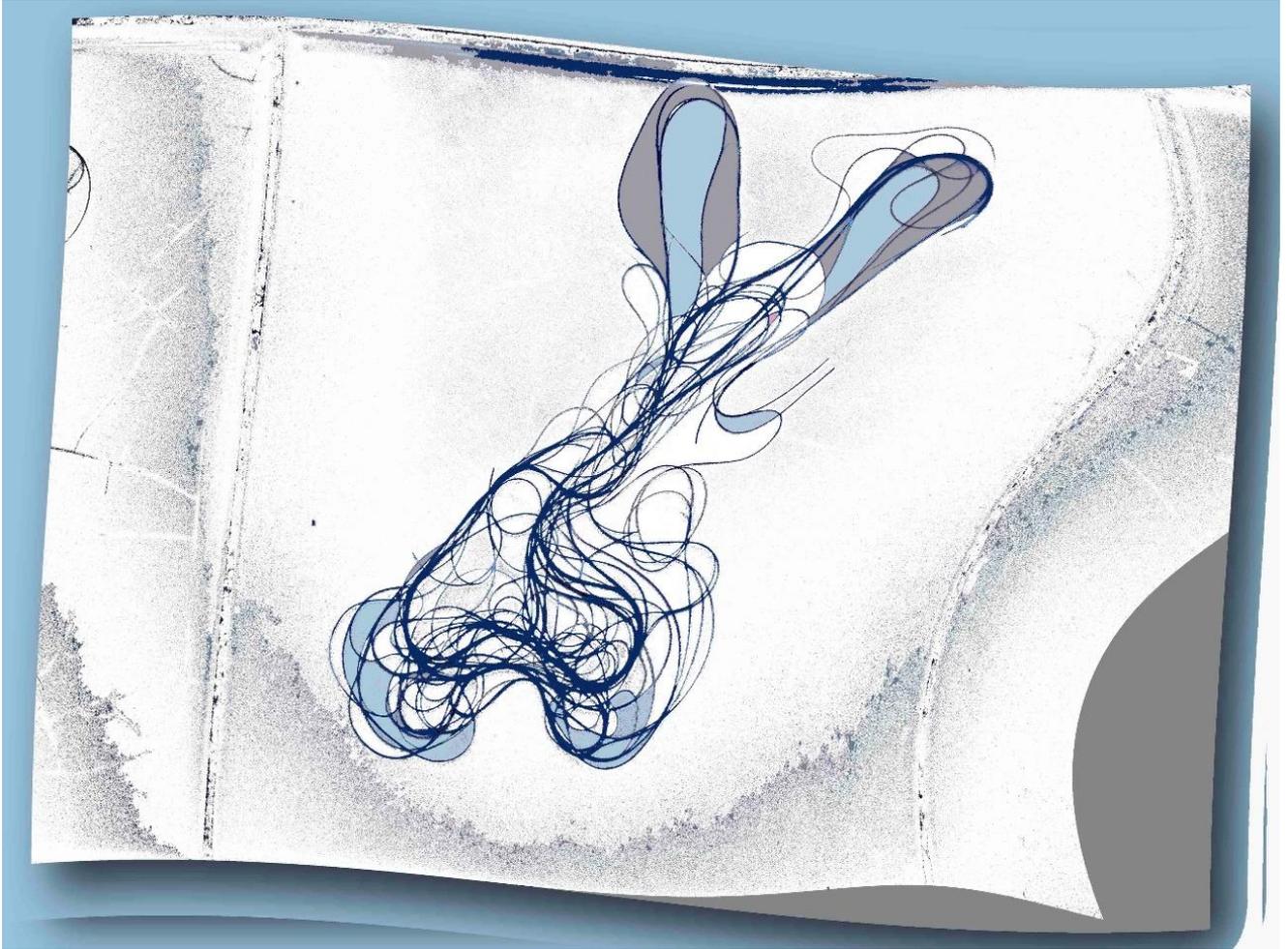
Sensações; aquarela; 19 X 28,5 (sem moldura); 2020

Tavinho Paes



Como o Mundo, o Ovo é óbvio; processo montagem/ collages (Cell Photo); 30 x 45 cm; 2020

Teresinha Mazzei



O mistério do coelho pensante, série Diálogo das linhas (digital sobre fotografia de fios de cabelos); impressão fine art_s/ canvas; 30 x 40 cm; 2020

Uiara Bartira



Quem me devolve...
Quem me devolve o brilho dos olhos.
a insensatez
a vez, os frutos
a onipotência.
A crença e a sensualidade,
a sensação do todo.
Saudades da saudade de nunca ter tido!

Auto retrato; linóleo e monotype; edição única; 30 x 30 cm; 2008

Vania Beatriz



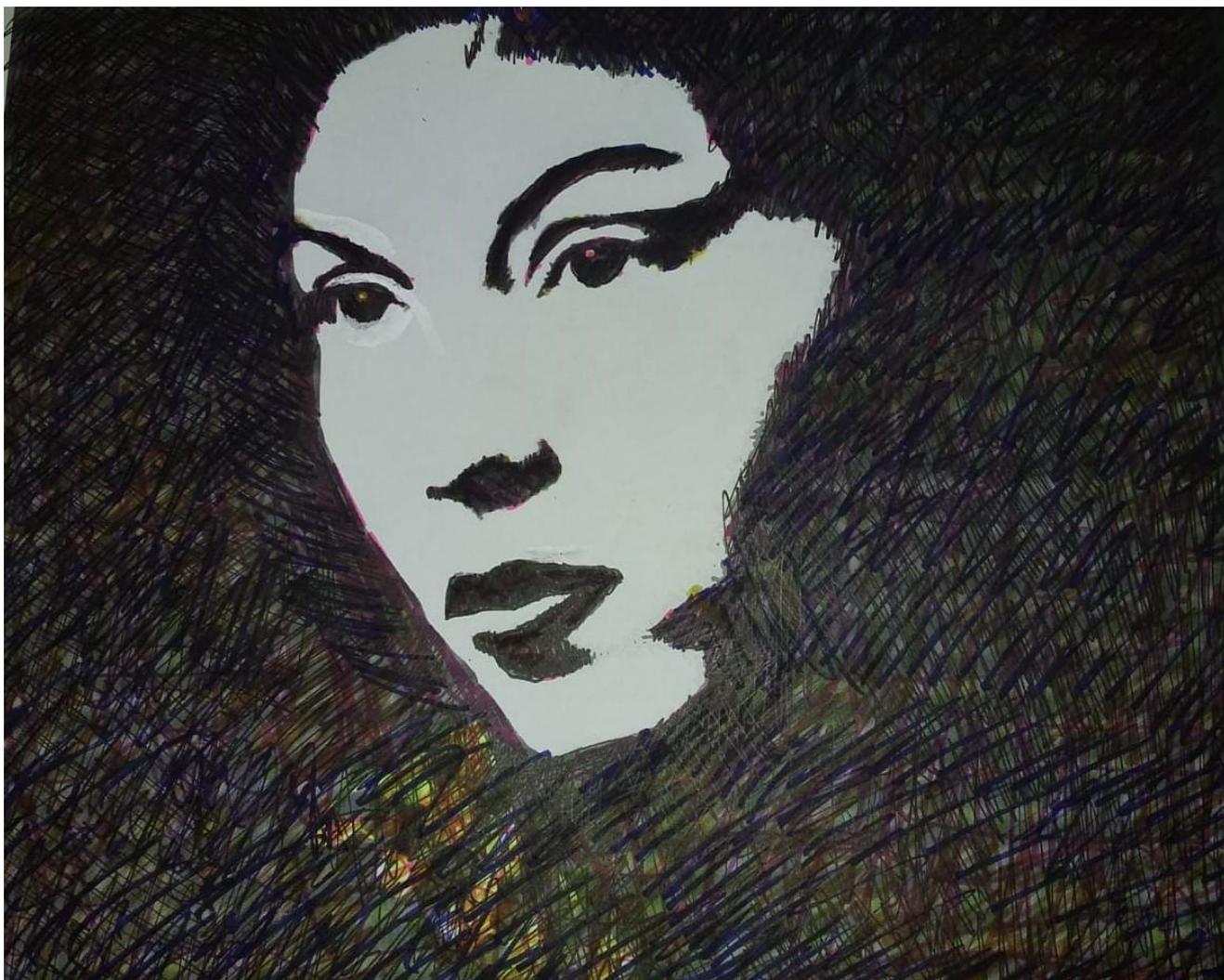
Leme; fotografia, impressão fine art, pb; tiragem 1/2; 42 x 29,7 cm; 2017

VeraLu



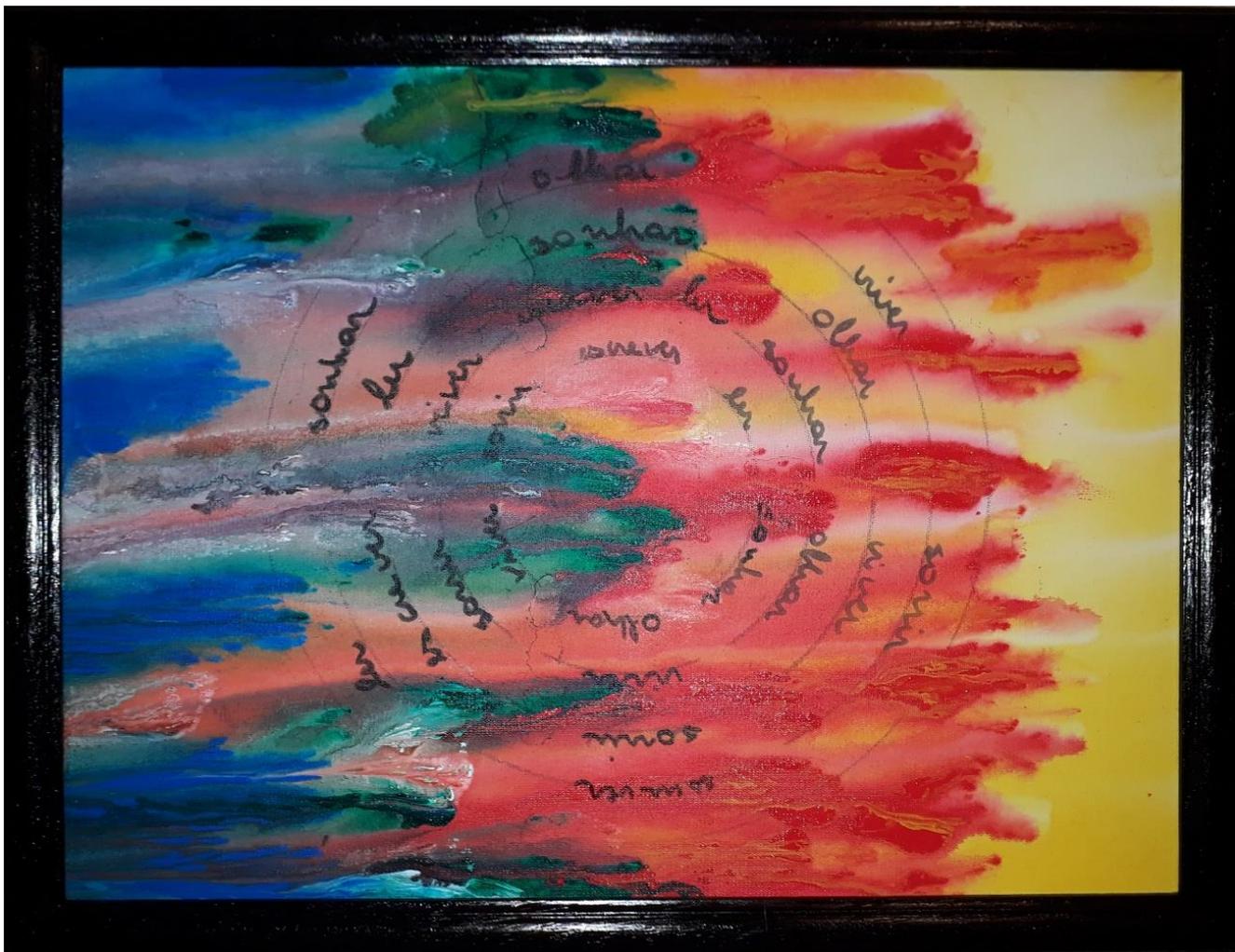
Ao correr da máquina; fotocoloragem impressão mate papel couchê 300 grs;
tiragem 1/5; 50 x 50 cm; 2020

Vicente Duque Estrada



Clarice lambe-lambe; impressão digital; tiragem 1/100; 50 x 60 cm; 2020

Walkyria Proença



Brasileira pernambucana; acrílica e desenho s/ tela; 40 x 30 cm; 2020